

1\$

№245



Cinefilo

SUPLEMENTO SEMANAL

DE
O SECULO

EDITOR ANTÓNIO MARIA LOPES

PROPRIEDADE DA

SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO

E

OFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

RUA DO SECULO, 43 - LISBOA

TELEFONES

Redacção	...	2 4242
Administração	...	2 4247
Sucursal do Rocio	...	2 4241

ASSINATURAS

Continente e Ilhas	3 meses	13\$00
	6 meses	26\$00
	12 meses	52\$00
Colónias portuguesas	6 meses	28\$00
	12 meses	56\$00

Sumário

O Cinema e o Turismo — Simões Dias

Diz-se... — Omnes

Estreias

«Canção de Lisboa» — F. F.

Descontos de «Cinéfilo».

A praia de Mira e os seus pescadores — Fernando Fragoso

Quando elas se vêem no espelho da tela

Novelas de Hollywood — As estrelas hipnotizadas — José da Natividade Gaspar

Ecos e Fonofilmes

Quebra-Cabeças

Concurso do «Filme Cinéfilo»

Correspondência — Multiplus

Gravuras: Janet Gaynor e Henri Garat (capa); Lillian Harvey e Charles Boyer (página colorida); Bele Christal; três fotos da praia de Mira; Madge Evans; Joan Crawford, Clark Gable, Marlene Dietrich e Maurice Chevalier; Bebe Daniels e Ben Lyon (cariaturas); Telma Todd; Buster Crabbe; Lupe Velez; Jack Holt (segunda capa).

Diz-se...

— Que a «Agência Cinematográfica H. da Costa, Limitada» apresentará, na próxima segunda-feira, nos cinemas «Central» e «Ginásio», o filme alegre de aviação, *Diabos do Céu*, com Spencer Tracy e Ann Dvorak.

— Que a «Sonoro Film» está preparando activamente a nova opereta de Martha Eggerth, *Audiência imperial*.

— Que é muito possível que a mencionada opereta venha a ser exibida num dos nossos primeiros cinemas de estreias.

— Que a firma «Filmes Castelo Lopes» apresenta, na segunda-feira, no Tivoli, o novo fonofilme de Douglas Fairbanks, *Robinson Moderno*.

— Que um dos próximos programas do «Central Cinema» constará da apresentação do novo filme de Martha Eggerth, *O diplomata de senhoras*, com Max Hansen.

— Que, como a anterior, tem sido muito apreciada a original propaganda que a conhecida marca francesa «Lorraine» enviou, há dias, aos cinemas do país, relativamente aos seus carvões de projecção cinematográfica.

— Que, por tal razão, o seu representante (1) tem recebido muitos pedidos de amostras para experiências.

— Que, efectivamente, os carvões «Lorraine» correspondem perfeitamente a essa propaganda, convencendo pelas suas excelentes qualidades.

— Que a «Sonoro Filme» está preparando, a-fim-de ser exibido proximamente, o fonofilme de Paul Wegener, *O Clube dos Suicidas*, realização de Richard Oswald especialista em produções de terror.

— Que um dos nossos primeiros cinemas de estreias encerrará as suas portas no fim do mês de Junho.

— Que o operador sr. Aquilino Mendes concluiu a filmagem de todos os sanatórios da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

— Que desse filme foram feitas cinco cópias, para serem exibidas, durante a presente semana, em alguns cinemas do país.

— Que duas empresas exibidoras encetaram negociações para a apresentação, simultânea, dos mesmos programas de estreias.

— Que um cinema de estreias da capital vai encerrar as suas portas, por alguns dias, a-fim-de se remodelarem os seus serviços de gerência.

— Que o «Cinema Condes» só na próxima semana estreará o excelente fonofilme de Frank Capra, *Dirigível*, com Jack Holt, Ralph Graves e Fay Wray.

— Que uma firma alugadora, há muito afastada da actividade da distribuição de filmes, regressa, brevemente, à exploração desse negócio.

— Que outra firma distribuidora, recentemente fundada, adiou, para a próxima temporada, a apresentação dos seus filmes.

— Que uma individualidade de destaque duma firma alugadora acaricia a ideia de, na futura época, encetar o negócio da distribuição de filmes.

— Que um conhecido empresário dum cinema da capital dispõe-se a adquirir, para a nova época, algumas das melhores produções duma marca ainda não apresentada no nosso país.

— Que algumas delas se destinam a ser estreadas na sua sala.

— Que um conhecido realizador, que há muito tinha posto de parte a ideia de feitura dum filme colonial, dedica, presentemente, toda a sua atenção a esse assunto.

— Que dispõe, para o mesmo fim, de importantes facilidades oficiais.

OMNES

(1) P. Soler, Rua Passos Manuel, 231, 1.º — Porto.



O Cinema e o Turismo



PORTUGAL é, de Norte a Sul, uma mancha de côr — e de luz.

Que de motivos sugestivos, ricos de enlêvo e de atracção? São figuras e coisas, monumentos e paisagens, o monte e o rio, o campo verdejante, o azul do céu, tradições populares, mil e um seres e factos de beleza e de graça, de pintoresco e de carácter.

Pedaços de grandeza, apontamentos curiosos, linhas de mimo e de graça, notas típicas e inolvidáveis.

Que combinações magníficas de gama inesgotável que oferece esse conjunto de praias e de termas, esses panoramas singulares no interior das terras ou à beira-mar, os castelos e as árvores, todas essas recordações e documentos do velho Portugal que, generoso, regala fartos motivos de interesse turístico — e cujos encantos, a-final, são tam pouco conhecidos!



Porque é que o Cinema não divulga os segredos deste privilegiado rincão de clima maravilhoso e de maravilhosa luz?

Porque é que o Cinema não aproveita e valoriza e revela esses prediados ocultos?

Faltam realizadores? Não creio. Falta iniciativa.

O Turismo é uma indústria; porque é que as entidades interessadas nesta actividade, que é uma das grandes fontes de riqueza de alguns povos, não se servem, larga e inteligentemente, deste instrumento precioso que é o cinematógrafo,

Porque não se empenham numa acção comum, de que só advirão benefícios, quer sob o ponto de vista particular, quer sob o ponto de vista nacional?

Estações oficiais e empresas particulares, deveriam intimamente unir-se para levar a cabo, com unidade e

continuidade de pensamento e de acção, esta obra de interesse geral.



Parece-nos inútil pôr em relêvo os serviços relevantes que para fins de turismo o Cinema pode prestar.

A imagem animada é o retrato mais vivo, mais fresco, mais atraente para recolher e mostrar a olhares estranhos as belezas e as graças de uma região.

Isto é uma verdade já largamente reconhecida e a prova está na quantidade e na qualidade de filmes de propaganda turística que os países zelosos em tornar conhecida e visitada a sua terra editam.

E' que o Cinema oferece, com uma soma de sugestão irrvulgar, imagens curiosas das regiões, com esta virtude superior: é que tanto pode oferecer aos espectadores uma visão sintética, uma ideia geral, como vistas pormenorizadas, ricas de anotações, de pontos ou traços que convenham sublinhar.

E não há brochuras, fotografias ou cartazes que valham um passeio a rincão eleito, passeio que só a câmara cinematográfica pode proporcionar, pois, para ela, não há segredos, nem impossíveis: tudo bisbilho-teia, visita — revela.

Val realizar-se, em Lisboa, durante a próxima semana, um Congresso Turístico. Não sabemos de que consta o programa de trabalhos desse Congresso, nem qual a esfera de acção dos organismos portugueses nessa assembléia.

Mas basta saber que se trata de Turismo para não ser deslocado falarmos do Cinema nas suas relações com aquela actividade, que muito particularmente interessa à nossa terra e à nossa gente.

A. SIMÕES DIAS

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

estrelas

O Secretário de Madame

(*Das lied ist aus*). — Estamos perante uma comédia juvenil, onde a despreensão da sua estrutura não significa carência de qualidades, pois, sem ascender a foros de obra de alta gerarquia, constitui, toda ela, um espectáculo amável, risonho, de seguro agrado junto do público.

Houve quem achasse demais a importância que a música tem na obra, mas se é certo que ela não falta no filme, tam inspirada e agradável de ouvir ela é que se lhe perdôa, sem custo, a sua superabundância e o pouco a propósito com que numa ou noutra ocasião aparece.

A realização de Geza von Bolvary conta-se entre os bons trabalhos deste correcto encenador e o desempenho, da parte de Liane Haid, Willy Forst, Margarete Schlegel, Ernst Verebes e Otto Walburg, a par do luxo e bom gosto, que orienta toda a película, é outro dos factores de agrado do filme.

Condes, 21 de Abril.

J. N. G.

O filho inesperado

(*Le fils improvisé*). — Esta comédia, ordenada segundo o gosto do público, que não perde o tempo a conge minar se as situações e outras peripécias são ou não justificadas, pois o que ele pretende é disfrutar um espectáculo gracioso e alegre, realiza, desde o primeiro instante, o salutar objectivo de provocar espontâneas gargalhadas. Para ele contribuiu, e muito, a engenhosa história, cada vez mais enredada e complicada à medida que ela se precipita, e que deu margem a René Guissart produzir um filme cheio de espírito divertido e malicioso.

O desempenho é, francamente, bom. Florelle, cativante e maliciosa, quer representando, quer cantando, é a alma do filme. A seu lado, Fernand Gravey, no galã, conduz-se com o brilho de sempre.

Noutros papéis, Baron Fils e Jackie Monnier completam o conjunto.

São Luiz-Cine, 25 de Abril.

A. L.

Esta idade moderna

(*This modern age*). — Joan Crawford é uma grande artista, um grande nome de cartaz. E isto, por si só, já é motivo de sobra para garantir o valor das suas películas. Quanto mais não seja, vale pela interpretação da famosa vedeta americana, que o nosso público tanto aprecia.

Não quero dizer com isto que o êxito do filme estreado no Odéon se resume na interpretação de Joan Crawford. Não. O filme é bom — bem realizado, optimamente desempenhado.

O enredo das suas oito partes desenrola-se num ambiente de excentricidade, que pretende ser Paris. A chegada inesperada duma filha faz com que certa mulher, já um pouco entrada, afaste, por algum tempo, o seu amante, abandonando, assim, a vida de prazer, falsa e anormal, que até então tinha levado. A filha, que ignora o passado da mãe, enamora-se dum rapaz, filho de família, gente de preconceitos. Nasce várias desinteligências, mas, no final, tudo acaba bem.

Pauline Frederick e Joan Crawford têm um desem-

penho a todos os títulos notável. Monroe Owsley, admirável no papel dum jovem, perpétuamente embrigado.

Da realização, de Nicholas Gring, há a destacar, acima de tudo, as primorosas iluminações.

Odéon e Palácio, 26 de Abril.

A. F.

A grande corrida

(*High Speed*). — Este filme de aventuras, gizado nos moldes já consagrados pelo género, se não constitui um espectáculo notável, pelo menos proporciona aos admiradores de Buck Jones o ensejo de o apreciarem, mais uma vez, no desempenho dum guiador de carros de corrida, em pista.

O entrecho, de resto, que se apresenta orientado segundo as predilecções populares e, também, no sentido de empolgar o público, com alguns lances de verdadeira emoção, permite-lhe estadeir o seu merecimento através duma acção movimentada e dramática, cheia de imprevisto e interesse pelo seu desfecho.

A realização é de Ross Ledermann. O desempenho reúne, ainda, Loretta Sayers, Wallace Mac Donald e outros.

Condes, 29 de Abril.

A. L.

Aldrão à força

(*Le roi des schlemihls*). — Trata-se duma comédia musical, interessante e graciosa, conduzida com inteligência e ataviada com suficientes condimentos para entreter o público. Desiludirá, no entanto, nas primeiras partes, por efeitos de monotonia, os que se preparam para saborear um espectáculo onde a fantasia e a graça corram parelhas. Mas, uma vez precipitada a acção, o que só se observa na segunda metade, o filme adquire um ritmo pleno de vivacidade e bom humor, que dá em resultado exceder a expectativa inicial e constituir, por fim, um passatempo espirituoso, alegre e optimista. A sua efabulação, com laivos de sátira aos filmes de *gangsters*, gira à volta dum modesto empregado duma casa de móveis, que um incidente conduz à perda do lugar e à circunstância de ser tomado por um famoso bandido internacional, há muito perseguido pela polícia. Este engano envolve-o nas mais fantásticas aventuras e, como se apaixona por uma bailarina, resolve interpretar a sério o seu papel de *gangster*. O seu plano, porém, fracassa em toda a linha, restando-lhe, no entanto, como compensação, a esperança de ver o seu amor correspondido.

A realização pertence a Max Nosseck e possui trechos de excelente desenvoltura, distinguindo-se, dentre eles, pela sua virtuosidade de execução, a corrida final da viatura de incêndio.

O desempenho está confiado a Curt Bois, Schettow, Alexandra Molino e La Jana.

A. L.

Seis horas de vida

(*Six hours to live*). — Há filmes que só os americanos podem realizar. O Cinema europeu, que tanto admiramos pelas suas inúmeras qualidades, não raro se mostra insuficiente quando quer abordar certos temas. E, muito principalmente, quando esses temas pedem uma técnica especial, grandiosa, eloquente.

(Conclui na pag. 27)



CHARLES BOYER

parece ter receio de tocar Lillian Harvey, a figurinha de Saxe, que a América nos roubou

UMA ENTREVISTA OPORTUNA

Cotinelli Telmo fala a "Cinéfilo" sobre o seu filme «A Canção de Lisboa»



COTINELLI TELMO é, hoje, dentro do meio cinematográfico português, o homem do dia. Todos os cinéfilos da nossa terra têm os olhos postos nele, sabido que, dele, sobretudo, dependerá o êxito da primeira produção da Tobis Portuguesa. As raparigas que se interessam pelo Cinema também estão suspensas da rigidez draconiana do seu critério artístico, que irá tornar em realidade tantos dos sonhos que povoam a sua imaginação, e que, de há certo tempo para cá, mais consistência adquiriram, uma vez que a possibilidade de entrar num filme deixou, para elas, de ser um mito.

Cotinelli é, pois, sem sombra de dúvida, a pessoa mais discutida e mais ocupada do nosso meio, na época presente. Ouvi-lo, não é coisa fácil. Passa como um meteoro, tem o cérebro ocupado por mil e um problemas, cujos xx são a sua sombra negra. Só por excepção, cruza os braços para conversar um pouco. E essa excepção teve-a para com *Cinéfilo*, dispondo-se a conceder ao seu representante uma entrevista, simples e despretenciosa, mas cheia de pormenores interessantes, sobre a realização do filme, que vai iniciar brevemente.

A protagonista do filme? Maria Sampaio?

A primeira pergunta que formulámos ao nosso paciente entrevistado, anda na boca de todos e tem sido o grande ponto de interrogação da *Canção de Lisboa*: — Quem é a protagonista do filme?

Cotinelli pensou um instante, como que a refazer-se da surpresa da pergunta, e disse-nos:

— No momento presente, nem a mais famosa das videntes seria capaz de responder, com consciência, a tal pergunta. É possível que, quando *Cinéfilo* vier a lume, já tudo esteja assente — tanto mais que contamos iniciar as filmagens no próximo dia 10. Mas... — ...É alguma das 17 raparigas aprovadas no concurso?

— Posso-lhe dizer, positivamente, que não. Entre as raparigas seleccionadas há, sem dúvida, algumas talentosas, com condições de sobra, para, depois de terem aquela experiência que lhes falta, poderem fazer boa figura na tela. Mas nenhuma das dezassete, que saíram das duzentas concorrentes, satisfaz as exigências da rubrica e não serve para encarnar a figura de Alice, a costureirinha ingénua e doce, que, possuindo todas as qualidades inerentes ao sexo, tem aquelas que distinguem a mulher portuguesa — suavidade e ternura — e uma alegria sã, sem afectação nem exageros ridículos...

— Vão buscar ao teatro, então, a intérprete sonhada? — Sim, provavelmente. No entanto, estamos tentando ainda averiguar se determinada rapariga terá condições para o papel. É galante, culta...

— Mas — insistimos — quais são as vedetas do palco, candidatas ao primeiro papel feminino do filme?

— Temos pensado em várias. Mas é possível que a nossa escolha, a fazer-se entre as artistas teatrais, recaia sobre Maria Sampaio, que já prestou as suas provas na *Minha noite de Nupcias* — «honny soit...» —

e na *Severa*, e que se me afigura ser a intérprete ideal do filme que sonhei.

O que não quer dizer que a escolha definitiva não se fixe sobre outra, de dentro ou de fora da cena...

Outros intérpretes e seus papeis

É sabido que Vasco Santana, Teresa Gomes e António Silva já estão contratados. O primeiro encarna a figura dum estudante de medicina, de capa e batina. Desempenha, segundo ele próprio declara, «um papel à Milton, uma oitava abaixo». Teresa Gomes é uma velha, prodigiosa de graça. Um tipo inconfundível, daqueles que só ela sabe criar. António Silva, um alfaiate, senão impecável no corte dos fatos, de-certo impecável no recorte da figura...

Voltamos a sujeitar Cotinelli à tortura inquisitorial da nossa curiosidade:

— Quem desempenha o papel da outra rapariga, da Maria da Graça?

— Também é incerto, por ora. No entanto, a que mais probabilidades reúne é Olga Vieira, uma das mais gentis artistas dos nossos palcos.

Não duvidamos do possível êxito de Olga. Em Setembro de 1930, publicámos, nestas colunas, o seu retrato, com a legenda «Olga Vieira, uns lindos olhos e um lindo sorriso, aguarda a sua vez de cultivar o Cinema».

Terá essa oportunidade chegado agora?

Cotinelli Telmo enumera-nos os outros artistas já contratados: Elvira Velez, que fará uma velha, no filme; Alfredo Silva, que será um sapateiro de escada; e Santos Carvalho, que encarnará a figura do patrão dum retiro fadista.

— E o galã? — Inquirimos.

— Não temos, por ora, também, uma resolução assente. Oliveira Martins estava a matar para o género de galã que pretendemos, mas, como sabe, encontra-se no Porto, a estudar, e não pode perder um ano, por causa dum filme...

— E Manuel de Oliveira?

— Pensámos nele e, se bem que a hipótese da sua escolha não esteja ainda afastada, tudo indica que não será o intérprete designado.

A data desta conversa — e quem sabe se, quando ela vier a lume, parte das interrogações formuladas não terão já a sua resposta — à data desta conversa, dizíamos, Cotinelli estava experimentando um rapaz, titular, por tal sinal, e que era um candidato possível ao ambicionado papel de galã.

O ambiente do filme

O ambiente do filme, como já dissémos, é essencialmente popular. A acção decorre, não na baixa esfera da sociedade, mas naquele meio burguês, tam caracteristicamente alfacinha. De Lisboa, no entanto, episódicamente, surgirão alguns aspectos monumentais, para que não se julgue que só as ruas tortuosas e escuras são fotogénicas... A velha cidade de Ulisses surgirá transfigurada na tela. A gente de Lisboa



Algumas das futuras intérpretes da *Canção de Lisboa*, ensaiam, no palco do São Luiz, sob o olhar atento de Cotinelli Telmo

deixará o «ar de caso», que tam peculiar lhe é. Só nos mostrarão raparigas bonitas. Se fôsse um filme russo, como diz Cotinelli, veríamos, apenas, camafeus. Mas ele, que dispõe de dezassete lindas mulheres, vai utilizá-las, todas, quanto mais não seja como pano de fundo, no desenrolar da acção...

O argumento, que nós conhecemos, mas que não vamos revelar — a pedido do realizador do filme, que receia, assim, que perca o interesse — é engraçado, vivo e alegre. Cotinelli Telmo e Chianca de Garcia, de colaboração com José Galhardo, trabalharam-no cuidadosamente. Feita a planificação, Volhrabe, o engenheiro de som, alemão, está passando uma vista de olhos por ela. A sua experiência removerá qualquer dúvida que surja.

A história do filme é engraçada, como dissémos. Desenrola-se toda em Lisboa. Uma cena no Jardim Zoológico dá origem a um *qui pro quo*, que provoca situações hilariantes. Um arraial de S. João, com toda a sua cor, com todo o seu pitoresco, bastaria para dar à película o cunho português, se noutras cenas não estivesse bem vincado.

Lisboa, no filme, deixará de ser uma cidade triste. *A Canção de Lisboa* — o leit motiv do filme — andará na boca de todos, ora no ritmo dolente da valsa, ora na cadência agitada dum «fox», ora, ainda, no desenho musical, dum fango, duma marcha, ou doutra melodia qualquer.

O fado — inevitável nos filmes portugueses — está representado discretamente. Maria da Graça (Olga Vieira?) canta um e Vasco Santana, outro, sendo este cómico.

Teresa Gomes também cantará uma canção, no seu estilo pessoalíssimo.

As filmagens, seu início e sua localização

Continuamos na ofensiva. Cotinelli responde, pacientemente.

— Quando se iniciam as filmagens?

— No próximo dia 10, se não surgir qualquer contratempo, sempre possível.

— Por onde começarão?

— Talvez por uma cena, muito movimentada, no Rossio. Mas não calcula como tememos os «mirones»! São os piores inimigos da produção cinematográfica. A semana passada, subimos a quasi todos os hotéis e casas particulares do Rossio, para procurar a melhor forma de fazer tudo com o menos espalhafato. Evitaremos, assim, a curiosidade alfacinha, pelo menos em parte.

— E as cenas da rua?

— Vamos construir parte duma rua, ao ar livre, na Quinta das Conchas.

— O filme tem interiores?

— Alguns. Não pudemos fugir a eles. A princípio, pensámos em montar os cenários à sombra e filmar, assim, com a ajuda duns toques de luz... Por muito paradoxal que pareça filmar interiores... no exterior, era a única forma de proceder, uma vez que o estúdio ainda não permite a sua utilização e, de-certo, só em meados de Agosto consentirá a filmagem, em boas condições.

Mas, como, por contrato, em 6 de Junho, a Electro-Reclamo tem, entre nós, o material que o deve equipar, contamos filmar os interiores em qualquer local coberto, com auxílio dos projectores do estúdio.

— Locais de acção?

— Não vale estar a dizê-los. No entanto, se conseguirmos a autorização, faremos algumas cenas na Escola Médica, poucas, e contamos com a colaboração dos estudantes de medicina, para algumas delas. Filmaremos no Jardim Zoológico, no Rossio, e noutros pontos de Lisboa.

Tinha decorrido uma hora. Cotinelli, com uma paciência de santo, agüentou o nosso interrogatório, sem pestanejar... É possível que, quando vierem a lume estes pormenores e estas revelações, já tenham perdido parte do seu interesse, por estarem resolvidas algumas das incógnitas que deixamos em suspenso. O facto não diminui o significado da entrevista, e se esta perder em actualidade, nem por isso deixará de ficar um documento, para a história da realização do primeiro filme da Tobis.

F. F.

Novas sensacionais para os nossos leitores de Lisboa e da Provincia

■ ■ ■

São mais numerosos e mais importantes os descontos concedidos, pelos cinemas, aos portadores da senha de "Cinéfilo",

■ ■ ■

CINEFILO, como é do domínio público, desde a primeira hora, cuidou sempre de conceder aos seus leitores, assinantes e compradores, a maior soma de regalias, de vantagens de comprovada utilidade.

E, assim, mormente nestes últimos tempos, tem multiplicado as suas iniciativas; tem introduzido, na sua orientação, interessantes inovações, e, hoje, como ontem, orgulha-se de oferecer aos seus leitores a mais barata e a melhor das revistas de Cinema que se publicam na nossa língua.

Cinéfilo não se limita, só, a pôr na rua, todos os sábados, um número palpitante, com artigos sem laráchas ócas e sem erudições pesadas, primorosamente ilustrados.

Os que comprarem o número de "Cinéfilo" e, nessa semana, utilizarem o cupão de desconto, num só cinema que seja, ficam com o aludido número de graça e fazem, ainda, uma considerável economia

O facto é tão evidente que dispensa qualquer demonstração. No entanto, eis um exemplo, tirado ao acaso: O bilhete de plateia do Central custa 6\$50. Com os cinquenta por cento de desconto custará 3\$25. E' claro, há que entrar em linha de conta com o preço do número da nossa revista: 1\$00.

Quere dizer: por 4\$25, o leitor de Cinéfilo assistiu a um bom espectáculo e ficou com a nossa revista, para se deleitar na sua aprazível leitura, economizando, ainda, 2\$25!

O leitor pode, porém, com o único número que

Com o dispêndio de 1\$00, economizam-se, pois, muitos escudos!

Cinéfilo, porém, para que as regalias oferecidas aos seus leitores pudessem ser mais consideráveis, solicitou das empresas a elevação da taxa de desconto e, assim, pode, hoje, anunciar, com o maior prazer, que o PALÁCIO elevou o seu bonus de 30 % para 50 %, permitindo, ao mesmo tempo, que a apresentação duma única senha dê direito ao desconto em dois lugares, quaisquer que eles sejam.

O CENTRAL, por gentil deferência da empresa H. da Costa, também elevou o bonus que concedia aos leitores de Cinéfilo. De futuro, a apresentação do nosso cupão dará direito a 50 % de desconto em todos os lugares e em duas *matinéas*.

O OLÍMPIA, que já concedia um desconto de 50 % aos nossos leitores, permite, de futuro, que, com um único cupão, se levantem dois bilhetes, cada um dos quais com 50 % de redução sobre os preços da tabela.

A empresa do CINE-GINÁSIO, sala que depressa conquistou a simpatia do público alfacinha, também quis distinguir os leitores da nossa revista. E, para isso, concedeu o desconto de 50 %, em todos os lugares, e nas *matinéas* de quinta-feira, aos leitores de

Cinéfilo não se limita, ainda, a promover festas nos cinemas de Lisboa, absolutamente gratuitas, e a oferecê-las aos seus leitores. Organiza inquéritos e concursos, com bons prémios, e concede, ainda, nos principais cinemas do país, importantes descontos, em determinados dias, para as sessões que habitualmente se realizam.

Esta regalia é, sem dúvida, das maiores concedidas pela nossa revista. Há salas que, com uma gentileza que nos penhora, fazem 50 % de abatimento no preço dos seus bilhetes, com a simples apresentação do nosso cupão. Quere dizer: os leitores da nossa revista podem, munidos da respectiva senha, ver o espectáculo habitual, por metade dos preços das tabelas em vigor.

comprou, utilizar, na mesma semana, o desconto noutros cinemas. Basta, para isso, cortar o cupão correspondente ao cinema a que deseja ir e apresentá-lo, na respectiva bilheteira, no acto da compra dos bilhetes.

De modo que, se, frequentando, por semana, um cinema apenas, o número de Cinéfilo fica de graça, e se faz, ainda, uma economia importante, utilizando mais de um dos cupões que Cinéfilo insere, e que dão direito a grandes reduções noutras salas de Lisboa, a economia maior será.

Cinéfilo que, no acto da compra do bilhete, apresentarem o cupão, que inserimos no final do número.

O ROYAL-CINE, o aristocrático cinema da Graça, que já dava um bonus de 30 % aos leitores da nossa revista, elevou-o para 50 %, nas *matinéas* de domingo, e concede duas entradas, com a simples apresentação dum só bilhete.

O PARIS, a elegante sala da Estrêla, que concedia aos leitores de Cinéfilo 30 % nas *soirées* de sexta-feira, deliberou conservar essa regalia, e a sua empresa, num requinte de amabilidade para connosco, resolveu dar, ainda, aos nossos leitores, 50 % de desconto nas *matinéas* de quinta-feira.

RESUMINDO:

As salas de Lisboa que concedem descontos aos leitores de Cinéfilo, são:

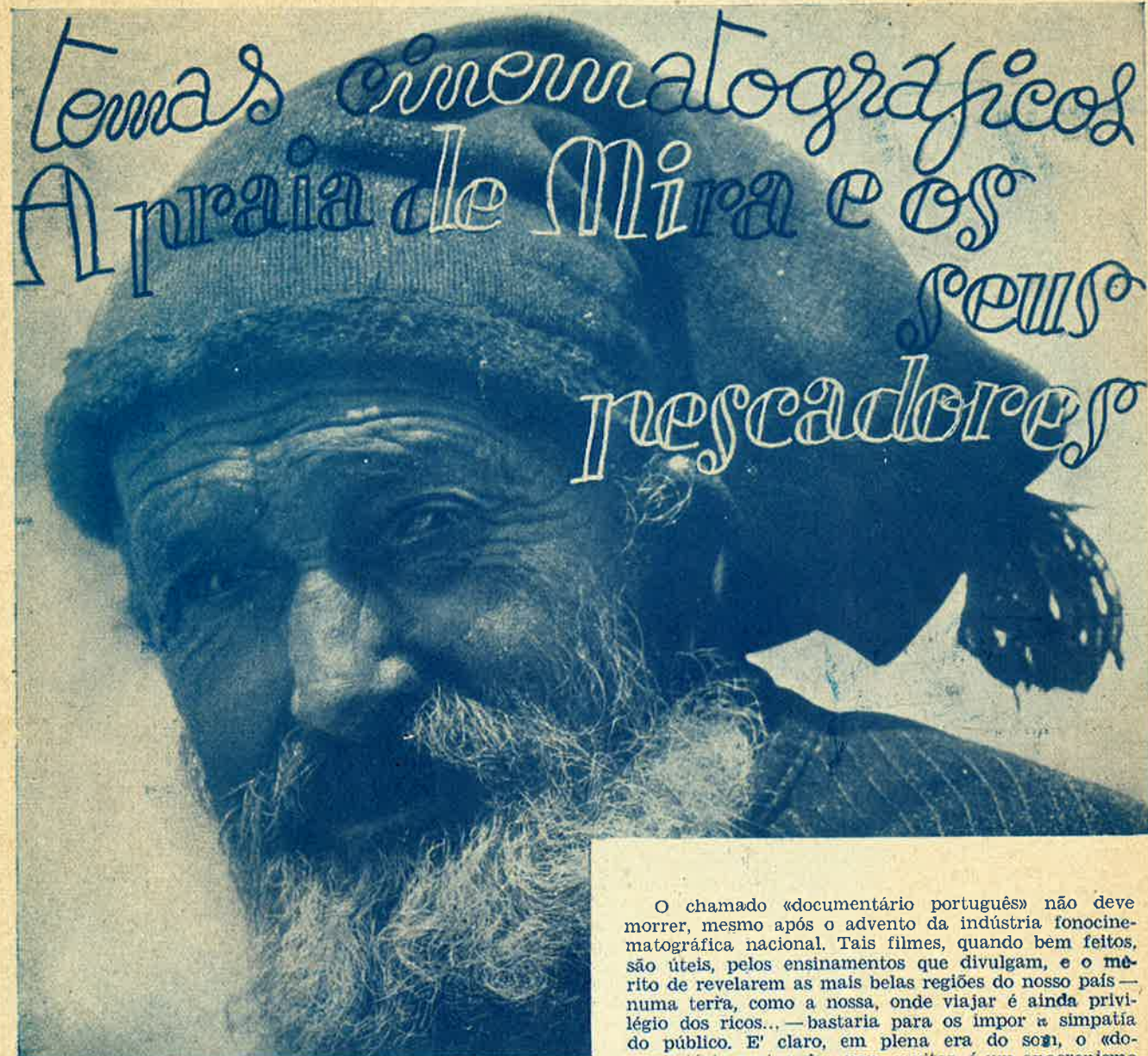
A terça-feira: CONDES e PALATINO;

A quarta-feira: IMPERIAL, CENTRAL e CHIADO TERRASSE;

(Conclui na pag. 26)



Belle Christall



PORTUGAL, constantemente devassado pelos *cameramen* encarregados de dar à tela o alimento de que a lei não prescinde — os cem metros nacionais — guarda, ainda, por mero acaso, muitos recantos onde o pitoresco dos costumes e a beleza do cenário andam de mãos dadas — e que a objectiva nunca registou.

Já é tempo de sairmos da banalidade dos documentários citadinos; já é tempo de focar, na tela, outros assuntos que não sejam os sedícios castelos e monumentos d'este abençoado torrão.

Canta-se a fotogenia de Portugal; cita-se — logo que se fala de Cinema — o maravilhoso sol que nos alumia; exalta-se, a cada instante, o ineditismo das nossas paisagens e dos nossos costumes — para quê? Para a tela nos revelar, em regra inferiorizadas, a cidade A ou a vila B, com a crónica da sua fundação e dos feitos dos seus heróis, contados em extensas legendas. Quem avaliar Portugal pelos filmes que habitualmente o Cinema nos dá, há de lamentar a pobreza franciscana dos nossos assuntos e extasiar-se ante a erudição histórica dos nossos operadores, quando não sorrir ante o pretenciosismo das tiradas que para o celulóide se transpõem...

O chamado «documentário português» não deve morrer, mesmo após o advento da indústria fonocinematográfica nacional. Tais filmes, quando bem feitos, são úteis, pelos ensinamentos que divulgam, e o mérito de revelarem as mais belas regiões do nosso país — numa terra, como a nossa, onde viajar é ainda privilégio dos ricos... — bastaria para os impor a simpatia do público. E' claro, em plena era do son, o «documentário português», para muitos, é um anacronismo insuportável. Amanhã, quando a produção sonora, entre nós, for um facto, essa antipatia acentuar-se-á.

Sabemos bem que a fonofilmagem *in-loco*, enquanto não tivermos camiões apropriados, é impossível, uma vez que os da Tobis são, por excelência, camiões de estúdio e não de «actualidades». A deslocação dos mesmos, por muitas razões, entre as quais avulta a de serem os únicos que existem entre nós, não há de ser fácil, e não se justificaria, salvo casos muito especiais. Hoje, porém, que a técnica de gravação de som está aperfeiçoada, é possível uma sonorização satisfatória, senão de ruídos próprios, pelo menos de música que se adapte perfeitamente à obra apresentada. Tudo isto custa dinheiro e só seria possível se os distribuidores deixassem de comprar tais filmes pelo preço do retrós, como actualmente sucede, e soubessem distinguir e compensar o esforço daqueles que pretendem sair fora da monotonia, da trivialidade aflitiva, dos cem metros que, por irrisão do destino, são obrigados por lei...

Com todo este arrazoado, pretendemos, apenas, demonstrar que os «documentários portugueses» têm um vasto campo a explorar, e que ainda poderão, num programa, chegar a constituir atracções, uma vez que às filmagens presida o bom gosto e o espírito artístico necessário para tanto.



Começamos por dizer que já é tempo de enquadrar na tela regiões, paisagens e costumes até hoje inexplorados.

Os nossos operadores precisam de percorrer, com suas máquinas, outros locais que não sejam as cidades, de norte a sul de Portugal. A nossa terra, sendo tam pequena no mapa, é grande pela variedade de expressões do povo e da Natureza. Lá fora, é preciso galgar quilómetros e quilómetros para que os olhos possam saciar-se de contrastes. Em Portugal, basta dar um passo, para a paisagem ser outra, para a cor ser diferente — para o contraste surgir.

Têm-se registado, no celulóide, em centenas de milhar de metros de filme, mil e um aspectos d'este Portugal de sonho, que tam maltratado tem sido no Cinema! E, no entanto, há, ainda, regiões cheias de beleza onde a câmara nunca entrou; há imagens cheias de colorido que nunca impressionaram o filme.

Quando surgirão os descobridores d'estes veios de oiro?

Recentemente, o acaso duma viagem levou-nos à



Praia de Mira, praia de pescadores, que não dista muito da Costa Nova. Foi depois de termos tomado contacto com essa região interessantíssima, que a câmara nunca devassou; foi depois de termos apreciado a novidade do cenário e o ineditismo dos costumes, que todas as reflexões, sobre os documentários portugueses, confiadas ao papel, surgiram na nossa mente.

A Praia de Mira merecia bem as honras dum filme. E' uma praia de pescadores, dissémos. Depois desta afirmação, uma vez que Leitão de Barros explorou a Nazaré, em dois filmes, poderia julgar-se que o assunto não tem interesse, que está esgotado! Pura ilusão!

Mira é uma praia característica. Os seus pescadores têm «artes» próprias e o cenário é dum ineditismo absoluto. Até há pouco, Mira estava isolada da civilização por areias sem fim, por dunas que se atravessavam a cavalo. Hoje, rasgaram uma estrada através dessa planura. Mira, porém, não perdeu aquele cunho especial, aquela personalidade que lhe marca um lugar inconfundível, entre todas as praias de Portugal.

O mar, ali, é forte, bravo e traiçoeiro. Ruge como

Cinefilo

um leão e não poucas vezes se enfurece. A espuma torna-se, então, mais branca, o verde das águas acen-tua-se e as vagas rolam umas sobre as outras com violência e com fragor...

A dois passos de distância, a «Barrinha», um lago tranqüilo, onde os barcos, que lembram gôndolas, vogam serenos, nas águas bonançosas, impelidos, lentamente, pelos barqueiros que manejam longas varas. O con-traste é absoluto.

Entre estes dois polos, entre a paisagem do mar — enquadrado no infinito e nas areias que as ondas beijam — e a da Barrinha — bordada de canaviais e de pinheiros que as águas espelham — entre a inquie-titude e a tranqüillidade, erguem-se umas dezenas de casas, paredes de tábuas sobrepostas, pintadas a zarcão ou a tinta de água — os «palheiros» onde se alberga uma população de pescadores, de domadores do mar.

Uma casa, em plena praia, mais modesta que qual-quer outra, domina o mar. É a capela, onde vão orar as mulheres que ficam em terra, quando os homens, no mar, lutam para ganhar o pão quotidiano. Modesta, com o seu altar tóscico, as suas imagens ingénuas, uma luz indecisa e frouxa, aquela capelinha modesta é, para elas, então, na fé que as anima, uma verdadeira catedral da esperança!

É este o cenário dentro do qual, dia a dia, a mesma vida se desenrola.

De manhã, mal o sol desponta no horizonte, um som grave, prolongado e incaracterístico, faz-se ouvir. É o sinal do chefe da companhia, que sopra um chifre, trompa primitiva. O mar deixa lançar as rédes e tudo se apresta para a faina.

Os grandes barcos, de fundo chato, prôa e pópa ponteadas, olhando o céu, crismados com lindos no-mes, aprontam-se para a largada. Juntas de bois mo-vem-nos, pesadamente. Dez, doze homens, a cada remo, ei-lo como vence a barreira da rebentação, que parece querer virá-lo, comprometer o seu equilíbrio. A água sobe em cachões de espuma branca. Em terra, há gritos de terror. Os velhos, que já não vão ao mar, erguem as mãos! Tantos lá têm ficado, assim, ingloriamente!... Por fim, o perigo parece afastado! E, durante duas horas, rema, rema, sem cessar!

A volta. E outra faina começa — a de puxar as rédes. São dezenas de juntas de bois, que trazem, pouco a pouco, até terra, a rede imensa que a alguns quilô-metros foi lançada. E, à medida que se vai aproxi-mando, à medida que os odres, cheios de vento, anun-ciam que as «mangas» vêm próximas, o entusiasmo, o movimento, crescem, gradualmente, até atingir o auge, que coincide com a chegada do saco, bem re-cheado de peixe, que brilha ao sol como se prata fôsse — prata que, daí a pouco, na lota, se transforma em ouro.

Os almocreves, que, durante toda a noite, vieram de longe, através de pinheirais e estradas poirentas, montados nos machos, cantando para arredar o sono, formam em círculo, à roda do saco, que ameaça estoi-rar a cada momento. E é sempre um velho lobo do mar, de barbas brancas, e rosto arado pelas rugas, quem, abrindo uma navalha reluzente, afiada a primor, descose, com presteza, o saco onde uma miríade de peixes, se debatem contra uma agonia lenta, que os tortura doidamente.

Os barretes que se descobriram, respeitosamente, à chegada daquela dádiva do céu, cobrem, de novo, as cabeças voluntariosas daqueles homens que do mar se enamoraram... Enquanto a venda prossegue, enquanto os cabazes se enchem, enquanto as mulheres proce-dem à salga, e os almocreves atam os cestos nos ceirões dos seus machos, a faina recomeça...

Vai o sol alto e, até o sol pôr, duas horas «para ir ao mar», duas horas para puxar a rede, a luta não abrandar...

Cai a tarde... O mar ruga sem cessar. Rolam as



Se há cabeças e perfis bonitos, contemplem esta ima-gem de Madge Evans, cuja cabeça e cujo perfil não receiam confrontos

ondas, umas sobre as outras... A espuma, na negrura da noite, parece mais branca... É a alma dos justos, espelhada nas águas — a alma dos pescadores que o mar tragou, na ingenuidade duma lenda que gerações transmitem de pais para filhos, e ainda hoje anda na boca de todos...

A pena, principalmente nas mãos do autor destas linhas, é impotente para traçar, nos seus pormenores, toda a beleza e grandiosidade das cenas evocadas...

Essas são, apenas, breves anotações, que poderiam aproveitar a um filme, que quisesse explorar o tema riquíssimo que revelámos.

A fotogenia de Portugal, não resta dúvida, é um facto. Há, pois, que a saber aproveitar.

Fotos gentilmente cedidas pelo sr. dr. Evaristo P. Jorge — Pocariga.

FERNANDO FRAGOSO

CINÉFILO é a mais popular das revistas portuguesas da especialidade

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

FECHA COM CHAVE DE OIRO
A TEMPORADA 1932-33

O ULTIMO FILME DE RENÉ CLAIR

14 DE JULHO

O ULTIMO FILME DE PABST

D. QUIXOTE

O ULTIMO FILME DE FRITZ LANG

O TESTAMENTO DO DR. MABUSE

O ULTIMO FILME DE LILIAN HARVEY

A IMPERATRIZ E EU

AS 4 MAIORES PRODUÇÕES DA ACTUALIDADE



Joan Crawford

COMO reagiria o leitor ao ver-se beijado pela Marlene Dietrich ou pela Norma Shearer? E que sensação sentiriam as nossas leitoras ao verem-se reproduzidas na tela, tendo aos pés o Clark Gable ou o Maurice Chevalier?

E' quasi certo que as emoções seriam tam diversas como as dos actores e actrizes de Hollywood que, diariamente, se contemplam e ouvem nos salões de projecção do estúdio. Assistir à projecção dos «rushes» é o ritual obrigatório e quotidiano de Hollywood. «Rushes», em linguagem cinematográfica, significam as cenas filmadas durante o dia e projectadas na tela antes de saírem do estúdio os artistas que nelas tomaram parte.

Os «rushes» representam, para os que trabalham no Cinema, o mesmo que as provas de imprensa para os redactores e editores de periódicos e revistas. Exibem-se sem coordenação e livres de todo o polimento editorial. E' vendo os «rushes» que os actores aprendem a tirar proveito das suas faltas e a melhorar a sua actuação.

Regra geral, não há dois actores que experimentem a mesma sensação ao contemplarem-se na tela. Para alguns, é uma distracção, para outros um desgano, e há-os até que consideram os «rushes» como um aborrecimento e um incómodo.

As reacções mais graves provêm daqueles que têm por missão na vida fazer rir os outros. Chevalier, Buster Keaton, Harold e os irmãos Marx, permanecem sentados durante a exhibição, estudando cuidadosamente as suas travessuras na tela. Estes actores nunca deixam escapar o mais ligeiro sorriso, conquanto todos se riam à sua volta: director, ajudante, supervisor do diálogo e editores.

Alguém qualificou Chevalier de austero catedrático de línguas mortas, pela séria e severa atitude do célebre cançonetista, quando se contempla na tela. Ninguém o ultrapassa na auto-crítica que exerce sobre as cenas em que toma parte, não usando rodeios para expressar a opinião que lhe merece o seu trabalho, seja bom ou não.

Quando Chevalier observa qualquer cena defeituosa e susceptível de melhoria, é sempre o primeiro a insistir em que se torne a filmar. O mesmo sistema emprega Norma Shearer, a quem Hollywood chama «a mulher infatigável», porque não tem inconveniente em repetir uma mesma cena, se fôr necessário.

Quando Marlene e Josef von Sternberg assistiram

Quando elas espelho



aos «rushes» da *Vénus loira*, discutiram-nos e criticaram-nos em alemão. A língua alemã foi, também, empregada durante os ensaios. Marlene, segundo afirmam vários actores que têm assistido com ela aos «rushes», é o seu mais severo crítico.

Greta Garbo nunca assiste aos «rushes» das suas películas. Pelo contrário, a sua companheira de estúdio e rival artística, Joan Crawford, assiste sempre aos «rushes» dos seus filmes. Por mais de quatro vezes a têm conduzido, nervosíssima e debulhada em lágrimas, para fora da sala de projecção.

Não há nada que ocasione maior impressão a Joan que uma falta em cena, sobretudo quando os outros protagonistas vão bem. Além disso, Joan é tam apaixonada na auto-crítica que faz dos seus filmes, que nunca está contente com o seu trabalho.

Gary Cooper tem por hábito guardar silêncio, ao passo que Clive Brook, a-pesar-da sua tradicional flegma britânica, expressa com franqueza a opinião que lhe merece o seu trabalho e pede aos colegas que o critiquem também.

John Gilbert põe-se tam nervoso e descomposto que,



Clark Gable

se vêem no da tela...



geralmente, sai antes que se acabam de projectar os seus «rushes». De carácter violento e nervoso, não se pode contemplar com tranquillidade. Padece do mesmo defeito que Joan Crawford: nunca está contente com o seu trabalho e sofre quando compreende que tem que fazer uma cena de novo, na qual os outros actores ficaram bem.

Clark Gable não diz nada e deixa ao realizador o cuidado de repetir ou não as cenas.

Janet Gaynor sofre, também, de ataques nervosos ante os seus «rushes»; porém, pede sempre para que os projectem duas e três vezes, a-fim-de notar os defeitos. Charles Farrell, por sua vez, está sempre de acôrdo com a opinião dos outros e, sobretudo, com a do realizador. Isto não quer dizer que não esteja em desacôrdo; porém, é demasiado tímido para se queixar.

Douglas Fairbanks, filho, mastiga «chicklets» para dominar os nervos, enquanto o seu companheiro de estúdio, James Cagney, se limita a dar sócos nos braços da cadeira.

Ann Harding rasga os lenços até os converter em



Maurice Chevalier



Marlene Dietrich

tiras e Constance Bennett, segundo o estado de ânimo em que se encontra, fica furiosa consigo mesma.

Jean Harlow, que, pouco a pouco, vai conquistando um lugar idêntico ao de Norma Shearer, não se nega nunca a repetir uma cena, por muito cansada que esteja ou por muitas que sejam as suas ocupações. Jean assegura que não o faz para esquecer a morte de seu esposo, Paulo Bern, mas sim porque quer chegar a ser uma boa artista e somente o poderá conseguir aperfeiçoando-se.

Clara Bow é a «estrêla» mais quieta do estúdio, enquanto contempla os seus «rushes».

Depois destes passados, discute, pró ou contra, com o seu director e com o autor, e, se não chegam a um acôrdo, volta a repetir as cenas, até que a satisfazam inteiramente. Quando o Cinema era mudo, Clara era a primeira a protestar quando a faziam repetir uma cena. Agora, porém, mudou completamente de pensar. Sobretudo, porque sofre ainda quando está perante o microfone, e isto nota-se com frequência no seu trabalho. E, como Clara não quer ter defeitos, torna a repetir as cenas em que a sua voz não tenha a tonalidade agradável e contagiosa que tanto lhe apreciámos.

Claudette Colbert afirma que teve dificuldade em reconhecer-se na tela, ao assistir aos primeiros «rushes» de *O Sinal da Cruz*, em que encarna a imperatriz Pompeia.

— Em tôdas as películas que filmei até hoje, interpretei sempre o papel de mulher morigerada. Quando me vi na tela, no papel de Pompeia, tive que beliscar-me para notar que era eu mesma que me ocultava sob uma maquilhagem tam complexa e um vestido tam sucinto.

Por último, a graciosa Elda Vokel, que trabalha para a Fox, declara que só uma única vez assistiu aos seus «rushes» e que não pensa em tornar a fazê-lo até que suba à categoria de «estrêla».

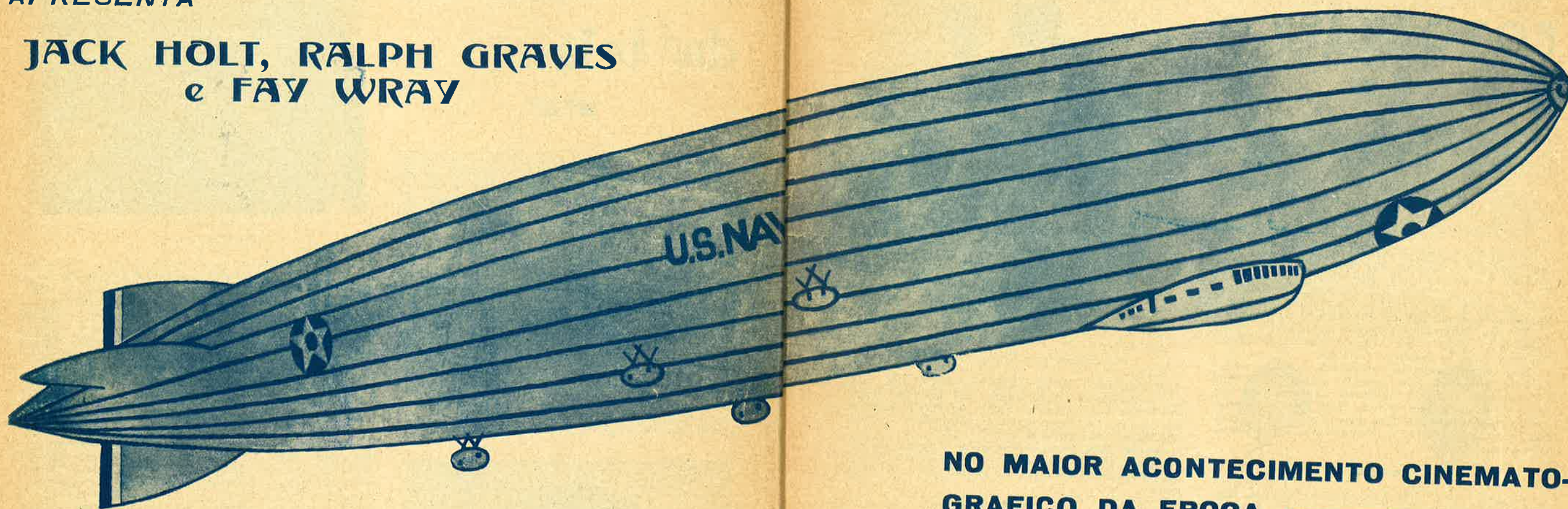
— Se chego a «estrêla», compreendo que me será muito proveitoso assistir aos meus «rushes», porque, de contrário, expôr-me-ia a que os demais actores do filme me roubassem metade das cenas, empregando os já conhecidos truques que, geralmente, passam despercebidos às «estrêlas» demasiado atarefadas em sobresair para se preocuparem com minúcias.

FILMES CASTELLO LOPES

(S. A. R. L.)

APRESENTA

**JACK HOLT, RALPH GRAVES
e FAY WRAY**



**NO MAIOR ACONTECIMENTO CINEMATO-
GRAFICO DA EPOCA**

O DIRIGIVEL

**O mais colossal dos filmes sobre os mistérios
das Regiões Polares**

CONSULTORIO FOTOGRAFICO



Pergunta. — Pedia-lhes o favor de me informarem da razão porque dizem que as películas «Perutz» são as melhores. De v., etc. — *Manuel Neves.* — Pôrto.

Resposta. — A sua pergunta deixou-nos embaralhados, porque não sabemos o que Manuel Neves é em fotografia.

Respondemos-lhe pensando que é um ótimo amador.

Fotografe e revele as películas «Perutz» num revelador «Perutz» (dizemos este revelador, porque não sabemos o que usa), que pode adquirir aí no Pôrto, na casa Fernando Lima, Rua Formosa, 390, e, depois, com olhos de ver, tirará as seguintes conclusões: ótimo ortocromatismo, detalhe perfeito nas sombras, meias tintas admiráveis, anti-halo inigualável e, ainda, ausência de grão, o que é muito importante, principalmente para os pequenos formatos.

Faça, ainda, a seguinte experiência, se quiser conhecer até que ponto estas películas suportam os erros de exposição: tire uma fotografia com uma pose correcta e tire outra com 50 vezes mais pose. O negativo obtido assim ainda lhe dará uma prova regular. Estamos prontos a publicar o resultado das suas observações e experiências.



Pergunta. — Fiz duas fotografias de assuntos diferentes, com película *Perutz*, no mesmo dia e à mesma hora (com diferença de minutos). Uma era de uma casa, um palacete de Sintra; outra, um detalhe de jardim.

A do palacete ficou em boas condições, bem detalhada; a do jardim, sem detalhe algum, dando a impressão de que a exposição não foi a necessária, notando eu que empreguei em ambas o mesmo tempo de exposição.

Pergunto: qual a razão, visto que ambas foram feitas com boa luz.

De v., etc. — *A. de Sousa.*

Resposta. — As suas perguntas não estão completas. Se nos tem enviado os negativos, poderíamos responder-lhe com mais precisão. Assim, é impossível. No entanto, vamos fazê-lo, partindo da hipótese de que o palacete que fotografou está pintado de branco, mas ligeiramente enegrecido pelo tempo, e que foi fotografado às 4 horas da tarde de um dia de Abril, com sol e céu azul brilhante, com película *Perutz* normal 500 H. D. e com o diafragma 6,3. Calculamos que esta fotografia, feita com 1/150 de segundo, daria um bom resultado.

Nas mesmas condições de luz e com o mesmo diafragma, a segunda fotografia a que se refere, desde que não houvesse árvores a fazer sombra, poderia ser feita com 1/25 do segundo. Havendo árvores, e estas copadas, teríamos de reduzir a velocidade do obturador para 1/10, 1/5 ou mesmo menos ainda.



Fotografada com película **PERUTZ**

É impossível dar-lhe números certos, mas, pelo que acabamos de expor, podem notar que era impossível obter dois negativos, com a mesma intensidade, dos assuntos que aponta, fotografados com a mesma velocidade, luz e diafragma.

Se não quere ter insucessos desta natureza, use um fotómetro, que lhe dirá o diafragma e a velocidade a empregar em qualquer assunto que queira fotografar.



Pergunta. — Agradecia o favor de me informarem, no «Consultório fotográfico» de *Cinéfilo*, os preços de postais brometo, para contacto directo e ultra-rápido, para ampliações, em pacotes de 10 e de 100 ou mais, e que marcas me aconselha.

Sem outro assunto (confessa-se, etc. — *A. F. (Figueira da Foz).*)

Resposta. — Para impressão por contacto, use os bilhetes postais «gaz-light» da casa *Illingworth's*, que têm a vantagem de poderem ser tratados à luz amarela. Pode, também, usar os brometos lentos da mesma casa. Para ampliar, são ótimos os *Rapid*.

Na nossa casa, encontra-os em todas as superfícies: brilhante, semi-mate, mate, creme, rugoso, linho, etc. Preços: carteira com 10, 4\$55; carteira com 100, 42\$00.

Roiz, Lda.

(Amador Fotográfico)

82, Rua Nova do Almada, 84

as novelas de hollywood

por José da Nat. bonecos de
vidade gaspar augusto fraga

N.º 13

AS ESTRÊLAS HIPNOTIZADAS



Já se tem, mais de uma vez, afirmado que Hollywood é uma cidade pacata, onde, depois das 11 horas da noite, até os mais concorridos bulevares ficam pouco menos de desertos. É porque os trabalhadores dos estúdios, absorvidos por uma vida de labor amíúde extenuante, tendo que comparecer, às primeiras horas da manhã, sejam eles técnicos ou artistas, nos locais onde filmam, têm, por essa razão, de se deitar burguesmente, o mais tardar, à meia-noite, e deixar a frequência dos cafés e «dancings» àqueles a quem as condições de vida permitem tais passatempos.

Por outro lado, quem, como os astros da Cinelândia, dispõe de moradias tão confortáveis como aquelas que as páginas das revistas nos mostram, de-certo que, com fundamentadas razões, prefere permanecer no seu lar, tanto mais que, à comodidade útil deste, junta-se o agradável da companhia de uma mulherzinha querida, ao lado da qual as horas são minutos.

Já sei que, neste ponto, os meus leitores casados abanam cépticamente a cabeça, duvidando de que a vida conjugal, depois de esfumada no poente a lua de mel, seja a causa do aprisionamento, em suas casas, dos astros em questão.

Redarguo eu, porém, sustentando o meu parecer com a afirmação de que, em Hollywood — e sempre falando pela regra geral — não há esposos mutuamente aborrecidos, em vista do milagre paradoxal do divórcio. Explico:

Dois americanos gostam um do outro. Casam-se. A lua de mel brilha até a altura possível. A felicidade pode, naturalmente, continuar no lar, se o amor a aquece e se a harmonia dos cônjuges a conserva. Mas se, por qualquer razão, ela não subsiste, então os esposos incompatíveis resolvem, com próprio proveito, a situação. Divorçam-se e vai cada um para seu lado, tentar nova experiência, experiência essa que se pode ir indefinidamente repetindo, logo que novas ameaças de dissabores atribulem o casal.

Eis a razão porque, em Hollywood, os consecutivos divórcios são o cáterio que cicatriza imediatamente os malignos temores da infelicidade conjugal. E, por isso, ali raros são os lares perpétuamente desditosos.

Um exemplo desses lares felizes, e tão felizes que ainda lá não caíram ameaças de separação, é o dos esposos Ben Lyon-Bebe Daniels, raríssimo modelo de cônjuges longamente harmoniosos.

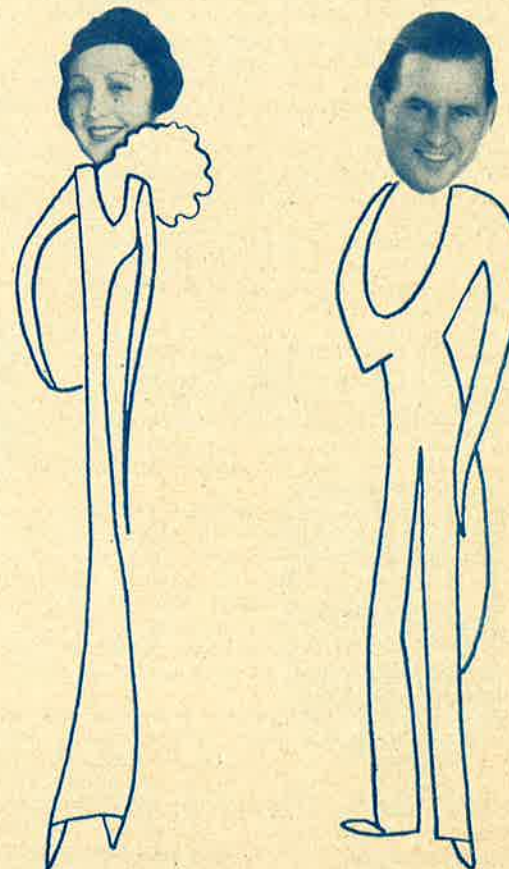
Ben Lyon é, também, um exemplo dos maridos caseiros, já que pouquíssimamente é visto em diversões a que o não acompanhe a esposa.

Porém, impõe-me a constante sinceridade com que relato estes episódios a observação de que, apesar dos encantos de Bebe Daniels — que todos os meus leitores, de-certo, não discutem, — da insinuante simpatia de Ben Lyon — que, naturalmente, as minhas leitoras não põem em dúvida, — da apetecível comodidade da casa deles — que quasi todos sentimos, por idêntica experiência, pessoalmente não conhecermos, — a pesar-de

tudo isso, a boa disposição do lar requiere, de vez em quando, outros atractivos absolutamente admissíveis.

E, assim, os esposos da nossa história não raras vezes promovem agradáveis festas, a que, com prazer, concorrem todos os seus amigos, que tantos são os seus colegas de estúdios. Ora, o luxo das recepções na Cinelândia não consiste apenas na maneira mais declarada de contrariar a então vigente lei seca, com a oferta aos convidados de uma bem sortida e abundante frasqueira. Reside, também, no facto de os deslumbrar com qualquer diversão inédita e sensacional, que não pode ser apenas uma habitual ceia, um vulgar baile ou uns sedícios jogos de prendas.

A resolução desse problema de ineditismo é que absorve e preocupa muito os promotores de tais faustosas reuniões. Foi o caso de Bebe Daniels e Ben Lyon, que haviam, já me não recorde porquê, marcado



Ben Lyon-Bebe Daniels, raríssimo modelo de conjuges largamente harmoniosos

para tempos próximos, em sua casa, a realização de uma festa para a qual convidaram todos os seus amigos.

O acaso deparou-lhes um expediente admirável, que lhes permitiu a oferta, aos concorrentes ao sarau, de uma diversão tão curiosa como invulgar: Estava, nessa altura, de passagem por Hollywood, um certo Martus, hipnotizador famoso em toda a América e considerado espantoso fenómeno neste século que, a-final, se espanta tanto com fenómenos como aqueles séculos ancestrais em que as praças eram iluminadas com os fogos dos autos de fé, em vez de o serem com os arcos dos candeeiros eléctricos dos nossos tempos.

A diferença de épocas apenas seria sensível para Martus, que, então, com as suas prendas, teria, antes, convite para ir exhibi-las nas pols e cepos dos cárceres da Inquisição, do que naquela luminosa e florida sala da casa de Ben Lyon, assistido por elegantes cavalheiros e deslumbrantes damas, todos muito mais atraentes do que os juizes dominicanos, espectadores dos colegas quinhentistas do mago.

A festa decorria interessantíssima. Astros e estrêlas, maravilhados com os misteriosos dotes do hipnotizador, estavam suspensos das suas prodigiosas demonstrações, até que se entrou em proezas não menos de espantar: a transmissão de pensamento.

Cada presente queria experimentar as habilidades do mágico. Escrevia num papel o que lhe pretendia ordenar, depois, segurando-o pela mão, seguia-o até ele cumprir tudo o que tinham pensado. E nenhum dos pormenores ideados deixava de ser executado pelo sobrenatural sujeito.

Quando chegou a vez de Gilbert Roland, o galã, que é amigo, ou de fazer as suas partidinhas ou de, de certo modo, se vingar do muito que dizem dele e da sua protectora Norma Talmadge, traçou num papel algumas linhas. O «medium», obedecendo à determinação do artista, foi onde estava Neil Hamilton, levou-lhe a mão ao bolso do colete, tirou-lhe a caneta de tinta permanente e meteu-a na algibeira de Gilbert.

Todos riram com a extravagante ideia de Roland, excepto o «medium», que, visivelmente ofendido nos seus dotes mágicos, fez sentir que os utilizassem para coisas tão vulgares.

— Mas não — redarguiu Gilbert Roland — fiz isto para reaver a caneta que eu tinha emprestado a Neil e que ele nunca mais se lembrara de me restituir.

A hilariedade ainda foi maior do que antes e, desta vez, até Martus se dignou sorrir, mas quasi com tam pouco entusiasmo como Neil Hamilton.

Passou-se, depois, a nova parte do programa: Sessão de hipnotismo.

A mais corajosa em iniciar as provas foi Polly Moran, que nem levou um minuto a cair sob a influência hipnótica de Martus. Dali a pouco, levantava-se solenemente da cadeira e, com passo cadenciado, foi a uma mesa, pegou numa jarra de porcelana, emborcou-a na própria cabeça e, com tam estranho chapéu, foi ao pé de George Bancroft e, inesperadamente, deu-lhe uma estrondosa bofetada.

Todos se riram menos o agredido George, que preferiu guardar para os filmes a sua célebre gargalhada. Ficou, pelo contrário, muito carrancudo, sem saber a quem mandar para o diabo: se a inconsciente agressora, se o «medium» mandatário. Mas, a-final, acabou por concordar que não tinha outro remédio senão rir-se. Era o que, aliás, já fazia a então desperta Polly e que nenhuma pressa teve em desencaixar da cabeça o seu chapéu de porcelana.

Seguiu-se Maureen O'Sullivan. Em breve estava no mundo da inconsciência. Todos os presentes lhe seguiram curiosamente os lentos passos, ansiosos por saber o que ela iria fazer. Chegou-se ao pé de Johnny Weissmüller. Levou-lhe as mãos, por detrás, às bandas do «smoking» e, enérgicamente, e sem que o espantado Tarzan pensasse em impedi-la, despiu-lhe e atirou-o para o chão. Depois, lentamente, veio postar-se em frente dele e desabotoou-lhe o colete. Igualmente lho

despiu e atirou para outro lado da sala. As gargalhadas da assistência iam crescendo directamente proporcionais ao pasmo de Weissmüller. Agora, num puxão, Maureen desfazia-lhe o laço da gravata e, pouco depois, atirava-lhe o colarinho para debaixo de uma cadeira.

Fez-lhe cair para cada lado dos largos ombros as alças dos suspensórios e, com mão rápida, desabotoou-lhe a camisa. O paciente Johnny, que ainda não pensara opôr-se àquela desnudação, estava, dali a pouco, com o torso nu. Mas, finalmente, revoltou-se. A sempre imperturbável Maureen começara a desabotoar-lhe as calças. A hilariedade, nessa altura, foi estrondosa, mas, nesse mesmo momento, o «medium», não querendo ultrapassar os limites da conveniência, despertou Maureen O'Sullivan, que muito pasmada ficou quando lhe contaram o que estivera fazendo.

E, enquanto Johnny andava de gatas, procurando, por debaixo dos móveis, as peças da sua dispersa indumentária, Marie Dressler tomava heróicamente lugar na cadeira. Jurava ela aos amigos que ia embaçar o hipnotizador resistindo-lhe ao magnetismo. Garantia que nada dominaria a sua enérgica vontade. E via-se que, na cadeira, os seus olhos procuravam titanicamente resistir às pupilas de aço que, como espadas, a pouco e pouco, mau grado seu, se lhe iam cravando no cérebro. Nesse duelo de vontades, caiu ela, por fim, vencida. Ei-la já no reino da insensibilidade, levantando-se, solene. Todos esperavam, um tanto receosos de que qualquer deles fosse a outra vítima das fantasias de Martus, que ela se encaminhasse para qualquer lado.

Mas Marie Dressler não se dirigiu para ninguém. Voltou as costas à assistência e, ajoelhando aos pés da cadeira em que estivera sentada, começou, com a sua voz grossa abemolada em suavidades de ternura, a fazer ao móvel uma inflamada declaração, ao mesmo tempo que punha a mão sobre o espaldar, como se fosse as costas do ente querido, e acariciava o braço de madeira, beijando-o apaixonadamente de um extremo a outro.

Havia já presente que quasi se rebojava nos sofás, não podendo com a comichão do espectáculo. Mas, apesar do barulho infernal daquela multidão em hilariedade, Marie Dressler continuava cumulando, de líricos adjectivos, a cadeira. Finalmente, despertou. Quando, entre gargalhadas, lhe contaram o que fizera, ela, de carregada catadura e sobrolhos franzidos para Martus, rugiu, por entre dentes:

— A minha vontade era partir-lhe nas costas o meu apaixonado de há pouco!

Ninguém quis mais sujeitar-se às experiências magnéticas do hipnotizador, embora todos uns aos outros se empurrassem para a fatal cadeira. O «medium», circunvagando serenamente os olhos pela assistência, esperava que mais alguém se quisesse submeter. Mas não. A sessão tinha que se dar por concluída.

Mas, nisto, deu-se um caso sensacional. Esclareço, previamente, que, se havia, em Hollywood, criaturas que mais mal se quisessem, que mais ferozmente malsinassem uma da outra, que mais teimosamente repelissem quaisquer tentativas de reconciliação, eram Joan Crawford e Norma Shearer. Lá estavam as duas nessa festa, uma de cada lado do quadrado de gente ao centro do qual Martus, ao pé da sua cadeira, olhando sempre serenamente à roda de si, esperava que alguém avançasse. Foi nessa altura que se deu o tal espantoso sucesso.

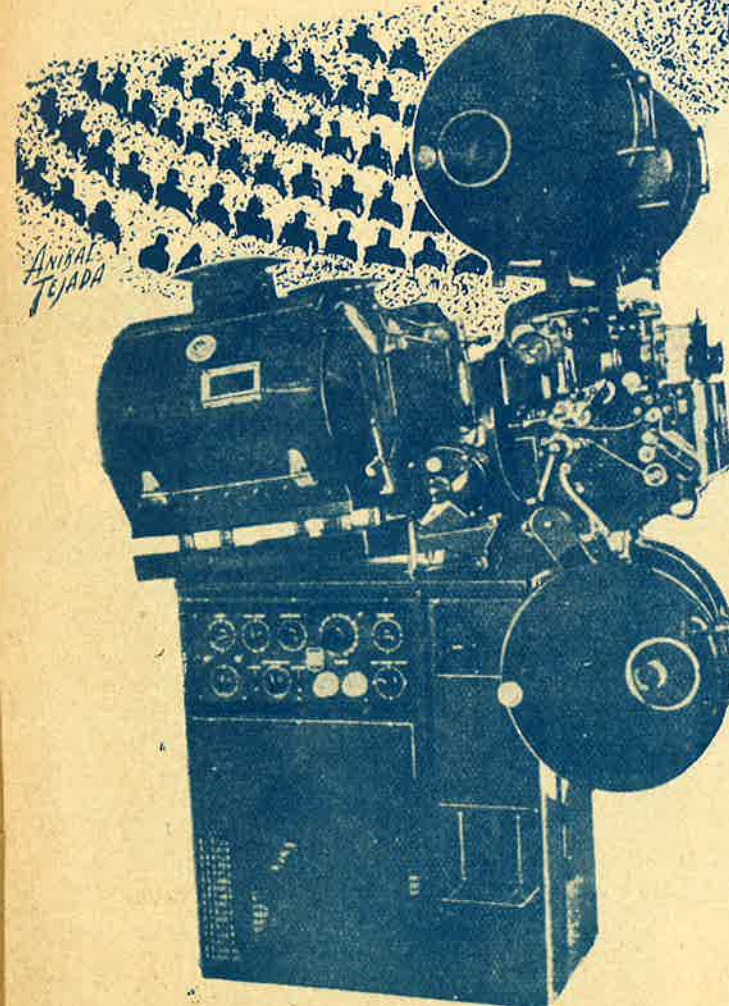
Simultaneamente, Joan Crawford e Norma Shearer adiantaram-se para o meio do quadrado e, caindo nos braços uma da outra, estreitaram-se num longo amplexo semeado de repetidos beijos.

Agora, ninguém se riu. Espantaram-se com a reconciliação das duas inimigas. Então, Martus, com um sorriso quasi imperceptível, avançou para elas, tocou-lhes nos ombros e ordenou:

— Acordem!

(Conclui na pag. 26)

Philisonor Blockposte



A Sociedade Comercial Philips Portuguesa convida os Ex.^{mos} Srs. Proprietários dos Cinemas de Portugal a visitarem a sua sala de demonstrações, onde se encontra em exposição uma instalação

"PHILISONOR BLOCKPOSTE"



SOC. COM. PHILIPS PORTUGUESA

Avenida da Liberdade, 3-1.
LISBOA

Agência: Rua da Paz, 32
PORTO

E mais não quis dizer, a grande vedeta de tantas produções que ficaram célebres nos anais da cinematografia.

Boatos infundados

VIERAM a lume, não há muito tempo, boatos insistentes, segundo os quais Joan Crawford e Douglas Fairbanks Junior, «os sempre noivos da Cinelândia», se iam divorciar, e interromper, assim, um idílio de tantos anos.

Muitos dos nossos leitores escreveram-nos a perguntar o que há de verdade a respeito deste caso e podemos tranquilizá-los, sabido é que em tal se não voltou a falar, sinal evidente de que tudo corre na paz do Senhor.

Douglas pai, de passagem por Paris, declarou aos jornalistas, a propósito da pretensa separação:

«Receio muito que meu filho haja sido vítima duma publicidade lamentável, uma vez que estou absolutamente convencido de que entre o casal nada mais poderá ter havido do que uma dessas tempestades passageiras...»

«Mas, segundo o que me deixam supor os telegramas que dos dois recebi, após a publicação das notícias, o conflito doméstico deve ter-se solucionado com um beijo de mais de dez metros...»

Clark Gable responde...

UMA série de perguntas que fizeram a Clark e as suas espirituosas respostas:

—Quais são os seus actores favoritos?

- Conan Doyle e Jack London.
- Foi sempre bom estudante?
- Cursei a Universidade de Akron...
- Qual é, na sua opinião, a mais linda mulher de Hollywood?
- São demais, para permitir uma escolha.
- Porque motivo beija, durante tanto tempo, na boca, as suas parceiras?
- Porque o realizador assim o quer...
- Quais são as suas ambições futuras?
- A prosperidade financeira e todas as vantagens que ela nos traz.
- Qual é o seu companheiro favorito?
- O meu pequeno «fox» escossês «Queenie».
- Porque se veste tão mal?
- Porque prefiro a comodidade à elegância.
- O que é necessário para triunfar na vida, como no seu caso?
- Vontade, ambições e coragem.
- Está, na verdade, apaixonado pela Jean Harlow?
- Nunca tive tais pretensões. Miss Harlow, para mim, não é mais do que uma agradável parceira.

Jean Harlow e o casamento

JEAN HARLOW, com os seus cabelos platinados e os seus audaciosos papéis de vamp, tornou-se célebre.

Aos dezoito anos, desposou, por amor, um jovem financeiro de Chicago, Charles F. Mc. Grew. Pouco tempo depois, divorciou-se.

No verão passado, Jean casou com Paulo Bern, grande produtor alemão. Dois meses mais tarde, este suicidou-se, em condições misteriosas.

No entanto, estas duas experiências matrimoniais não dissuadiram a loira vedeta de procurar a felicidade no casamento.

—Sim! Porque me não hei de casar?—disse a um jornalista. Sou uma pessoa normal. Tenho saúde e todos aqueles desejos e ambições de todas as idades da minha idade, ou sejam um marido, um lar

Buster Crabbe, o intérprete dum filme, O Rei da Selva, feito à imagem e semelhança de Tarzan...

e filhos: dois, pelo menos — um rapaz, primeiro; uma rapariga, depois.

Jean Harlow quer, mais do que nunca, ganhar dinheiro, para poder educar os seus filhos, uma vez que está resolvida a abandonar a tela, desde que se transforme numa deliciosa mamã.

Tam burguesas ambições, tanto senso «bota-de-elástico», deixam-nos na dúvida se, na realidade, as confissões da loirinha Jean serão sinceras — ou apenas uma excentricidade, digna das vedetas americanas.



Thelma Todd dança e sorri, com idêntica graciosidade

«Vim para Hollywood, confesso-o, atraído pelos honorários que me ofereciam. Hoje, possuo todo o dinheiro que desejava ter. Conto regressar à Inglaterra, para escrever — o que não devem estranhar, pois, como sabem, antes de ser actor de cinema era novelista e trabalhava nos jornais.

Ruth Chatterton, que é, também, uma das «rainhas» do teatro e do cinema americano, esteve, recentemente, em Paris, com o seu jovem esposo, George Brent. Foi o amor, apenas, o que se sobrepôs ao prosseguimento das suas carreiras artísticas:

«George e eu trabalhamos até o momento de podermos, juntos, viver a vida, como bons burgueses.»

Finalmente, Ramon Navarro, que se encontra na Europa, tenciona viajar, pelo menos, durante três anos.

Manterão estas vedetas os seus projectos?

Pola Negri, em Paris

LEMBRAM-SE de Pola Negri, da vedeta de O Paraíso Proibido, de O Poder da Paz e de tantos outros filmes de êxito, não é verdade? Pois a linda estrela, que tem no seu activo um bonito número de casamentos e divórcios, a primeira coisa que anunciou aos reporters foi o seu próximo casamento com um milionário de Chicago, cujo nome resolveu esconder, cuidadosamente.

Afirmou nunca poder esquecer o malogrado Valentino, de quem esteve noiva, e que, na sua frase, «foi o único e grande amor da sua vida».

E a propósito dos projectos cinegráficos que acentua, disse ainda:

«Terminei, há pouco, A Mulher manda, e, no próximo mês de Agosto, retomarei o meu trabalho. O meu próximo filme será uma adaptação de certa peça vienense, que ainda não devo revelar. Cantarei duas árias, que estão destinadas a alcançar o maior dos êxitos. Lubitsch, provavelmente, será o animador desta minha produção.

«Depois... talvez me dedique ao teatro! Talvez vá representar, em Nova York, A Viagem a Presburgo.»

Novas sensacionais

CINCO grandes vedetas do cinema internacional declararam à Imprensa que, antes do fim de 1933, deixarão de fazer cinema. Eis as razões que alegaram:

Constance Bennett, que foi, durante muito tempo, a mais bem paga das estrelas americanas (cerca de 1.000 contos por semana!!!), deseja viajar.

«O Cinema — disse — não foi a única ambição da minha vida e as alegrias da profissão não me bastam. O meu contrato com a R. K. O. expira, dentro em breve. Não o renovarei. Irei viver para a Riviera, com Henri (o marquês de La Falaise) e Peter (o seu filho adoptivo) e, todos os anos, faremos uma grande viagem.»

Ronald Colman quer, acima de tudo, descansar... «Após alguns anos de trabalho ininterrupto — confesso — sinto a imperiosa necessidade de repousar.»

Como é sabido, Ronald está longe de manter com o seu produtor, Sam Goldwyn, as relações que seriam para desejar. E' provável, por isso, que se consagre definitivamente ao teatro, donde veio para o Cinema.

Clive Brook tenciona dedicar-se à literatura:



Lupe Velez e Dickie Moore, os intérpretes duma produção que vamos ver esta época

Edwina Booth, perdida!

A AFRICA vingava-se, cruelmente, de todos aqueles que não nasceram para suportar o seu duro clima e tentam devassar os seus mistérios.

Os três artistas que, há alguns anos, partiram para a selva africana, com Van Dyke, para filmar a vida romanceada do célebre explorador *Trader Horn*, parecem ter sido atingidos por um estranho malefício.

Harry Carey, que, na aludida produção, encarnava a figura do traficante Horn, sofreu o desgosto de ver arder, por completo, a sua casa.

Duncan Renaldo, o galã do filme, depois dum divórcio custoso, foi obrigado a refugiar-se no México, depois de perseguido pela polícia americana. Finalmente, a maior vítima desta aventura tem sido Edwina Booth, a bela deusa branca, que se finia, lentamente, duma misteriosa doença de langor. Há alguns dias, mantinha-se viva a esperança da sua cura, e admitia-se, sem custo, a possibilidade de a tornar a ver sob a luz dos *sunlights*. Mas uma recaída grave, uma crise mais funda, vem abalar, por completo, a fé na sua cura, e, conseqüentemente, tirar as últimas ilusões daqueles que acreditavam na sua «ressurreição».

Edwina Booth morre, em Hollywood, lentamente, radiosa, na sua beleza, como uma flor capotosa incapaz de resistir ao impiedoso sol equatorial.

Uma vingança do Continente Negro?

Um motim, ao vivo

COMO Raymond Bernard, que filma *Os Miseráveis*, houvesse terminado as tomadas de vistas de «interiores», decidiu-se, noutro dia, a filmar, em Antibes, a movimentada cena do motim de 5 de Junho de 1832, no bairro de Santo António; após os funerais do general Lamarck...

Para a filmagem contratou 1.200 figurantes, mas, à última hora, foi forçado a dispensar cerca de 200, devido a exigências imperiosas da cena, que não comportava tantos figurantes.

E' claro, os 200 «chômeurs» não ficaram satisfeitos. Quando as filmagens se iniciaram, fizeram um barulho infernal, invadiram o campo de batalha e iniciaram-se, então, a valer. A polícia de Antibes, intervindo na contenda, exacerbou os ânimos. O realizador, porém, teve uma idéia genial, para varrer a feira... Chamou os figurantes a cavalo, que esboçaram uma ligeira carga... Houve feridos, de verdade.

E tudo se acalmou com a chegada dos gendarmes de Cannes e de Nice, que, formando um cordão, em redor do campo de filmagem, permitiram, desta vez, a batalha com tiros e mortos, com conta, peso e medida...

Hitler continua...

NUM recente editorial, *Cinéfilo* expunha, claramente, a campanha de Hitler contra o próprio cinema alemão.

Os actos de violência continuam. O chefe da redacção do *Film-Kurrier* foi licenciado pelos nazis e substituído por um membro do partido nacional-socialista.

Por outro lado, formou-se um núcleo de autores de filmes, constituído apenas por membros do partido hitleriano.

As interdições continuam. Ultimamente, a censura proibiu a exibição de *Sou um evadido*, de Paul Muni, e *A Bandeira rubra sobre Leipzig*, *Poil de Carotte*, o filme de Duvivier, como dissensões, foi sujeito a enormes mutilações. Prejudicaram a obra, de tal forma, que o cineasta enviou uma carta de protesto à Imprensa alemã, declarando que repudiava a montagem com que o filme foi apresentado.

Como represália, os americanis suspenderam a exibição de *Raparigas de Uniforme*, nas telas «yankees», até nova ordem...

Ramon Novarro, em Paris

RAMON NOVARRO está em Paris. Sem pretensões, de-certo, a copiar Greta Garbo, tem fugido do convício do mundo e passado pela Cidade da Luz protegido por uns óculos de cor...

Ramon declarou que nunca se casará. Na frase dum jornalista, é um novo Narciso, desta vez um pouco inteligente...

O novo de Douglas

O NOVO filme de Douglas Fairbanks terá a sua acção localizada na China e a história passar-se-á no templo de Confúcio.

Douglas declarou que será quasi todo interpretado por actores chineses, devendo ele próprio relegar o seu papel para um plano secundário.

A situação da Paramount

DESMENTE-SE absolutamente que a Paramount encerre os seus estúdios durante o verão, como na Imprensa mundial se fez constar.

Actualmente, para a dita firma, realizam-se sete películas, e estuda-se a próxima edição de mais dezassete.

As viagens de Gulliver

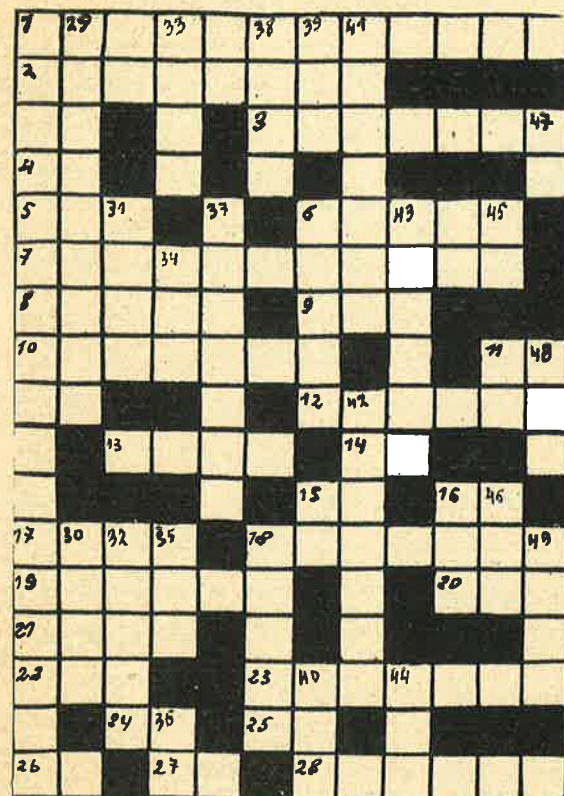
AS VIAGENS DE GULLIVER, relato maravilhoso de maravilhosas aventuras, que tem feito as delicias de novos e velhos, vão ser realizadas, em filme, pela Universal, sob a direcção de Karl Freund.

Guarda-se o maior segredo sobre a parte relativa à truçagem.

Quebra cabeças

PALAVRAS CRUZADAS

(Problema n.º 57)



HORIZONTAIS

1. Filme de Billie Dove; 2. Filme de Robert Montgomery; 3. Filme de Alfred Abel; 4. Vedeta feminina de *O homem que ri* (iniciais); 5. Vedeta masculina de *Na selva*; 6. Vedeta masculina de *Marius*; 7. Filme de Lionel Barrymore; 8. Vedeta masculina de *O rei vagabundo*; 9. Nome de Sylvia Sidney, em *Ruas da Cidade*; 10. Vedeta feminina de *O filho do outro*; 11. Filme de Clara Bow; 12. Vedeta feminina de *Fausto*; 13. Vedeta feminina de *Fatos e factos*; 14. Vedeta masculina de *O Meu Camarada*; 15. Vedeta feminina de *Uma excêntrica* (iniciais); 16. Vedeta feminina de *Vidas Tenebrosas* (iniciais); 17. Vedeta feminina de *O trio fantástico*; 18. Vedeta masculina de *O Dinheiro*; 19. Vedeta masculina de *Orgulho desportivo*; 20. Vedeta feminina de *O ladrão de Bagdad*; 21. Nome de um vulcão; 22. Artista de aventuras; 23. Filme de Annabella; 24. Vedeta masculina de *O cantor do jazz*; 25. Vedeta masculina de *Asas* (iniciais); 26. Vedeta masculina de *O rei dos reis*; 27. Vedeta feminina de *O Palhaço* (iniciais); 28. Vedeta feminina de *O moderno Casanova*.

VERTICAIS

1. Filme de Lewis Stone; 6. Opereta da Ufa; 11. Filme de Clara Bow; 15. Vedeta masculina de *1980*; 16. Vedeta feminina de *O gaúcho*; 18. Vedeta feminina de *O club 73*; 29. Filme de Emil Jannings; 30. Primeira palavra dum filme de Brigitte Helm; 31. Vedeta

feminina de *O pai celibatário*; 32. Vedeta feminina de *Vida noturna*; 33. Vedeta feminina de *Inspiração*; 34. Gritos; 35. Vedeta feminina de *O capitão Sorrel*; 36. Filme de Lawrence Tibbett (iniciais); 37. Vedeta feminina de *A Arca de Noé*; 38. Antiga trágica italiana; 39. Vedeta feminina de *No tempo das valsas*; 40. Vedeta feminina de *Vida por vida*; 41. Contara; 42. Vedeta masculina de *O barqueiro do Volga*; 43. Vedeta masculina de *O segredo do doutor*; 44. Vedeta feminina de *Ri, palhaço, ri*; 45. Vedeta masculina de *Sombras misteriosas*; 46. Vedeta masculina de *Romance duma duquesa*; 47. Vedeta masculina de *Um sonho cor de rosa*; 48. Realizador de *O az da velocidade*; 49. Última palavra dum filme de May Mac Avoy.

«LÉRIAS»
(Lisboa)

DECIFRAÇÕES

(Do número anterior)

PALAVRAS CRUZADAS. — Horizontais: 1. *Amanhada* (A Fera...); 2. *Lon* (...Chaney); 3. *E. B.* (Edwina Booth); 4. *Sam* (O tio ... na corte do rei Artur); 5. *Aves* (...do Paraíso); 6. *Brazil*; 7. *Artur* (...Duarte); 8. *Ré*; 9. *El* (...Brendel); 10. *Aut*; 11. *Beatriz* (...Costa); 12. *Ipod* (Pudownine); 13. *Leão* (Ester...); 14. *H. A.* (Hans Albers); 15. *Haas* (Tolly...); 16. *Monique* (...Roland); 17. *Bernard* (Armand...); 18. *Ramon* (...Novarro); 19. *La* (Laura La Plante); 20. *Li* (...ly Damita).

Verticais: 1. *Al* (...Jolson); 5. *Azevedo* (Alexandre de...); 6. *Brazil* (...maravilhoso); 7. *Águia* (...de Ouro); 10. *Armand* (...Bernard); 11. *Boa*; 14. *Horn* (Camila...); 16. *Mão*; 21. *Moore* (Oween...); 22. *Peter* (Lorre); 23. *Sevilha* (...dos meus amores); 24. *Abel* (...Gance); 25. *Fritz* (...Lang); 26. *Paul* (...Lukas); 27. *Raquel* (...Torres); 28. *Mãe*; 29. *Marius*.

PRÉMIOS

(Relativos ao n.º 244)

Os prémios sorteados entre os decifradores das mascarilhas couberam a Carlos Martins Carreira, que pode requisitar, na nossa redacção, uma graciosa foto de

QUADRO DE HONRA

«DIANA CAÇADORA»

Raul Viana e «D. K. 1»

LISBOA

«RAFAELINHA»

Maria Gilda, Maria Lina e «Romântica
Flôr de Abril»

PORTO

Mary Carlisle, e a «Amância» (Coimbra), a quem vamos enviar uma excelente foto de John Miljan.

«Diana Caçadora» pode requisitar, na nossa redacção, uma magnífica foto de Edward Nugent.

A «Rafaelinha» (Pôrto), vamos enviar uma bela fotografia de Richard Arlen.

Novas sensacionais para os nossos leitores de Lisboa e da Província

(Conclusão da pag. 8)

A quinta-feira: ODEON, PALÁCIO, CINE-GINÁSIO, EUROPA e PARIS;

A sexta-feira: OLÍMPIA, PARIS, CENTRAL e PALATINO;

Ao sábado: CHIADO TERRASSE;

Ao domingo: LYS e ROYAL.

Gratos ficamos, pois, aos gerentes das salas que, assim, nos deram mais uma prova de deferência, pela qual nos confessamos reconhecidos.

Os leitores da Província também beneficiam de importantes descontos

Cinéfilo tem leitores em todos os recantos de Portugal. Cinéfilo não se vende apenas em Lisboa. A sua expansão é enorme, como o prova, sobejamente, a sua tiragem, que, seja-nos permitido dizer, sobe ao número para número.

Não era justo que esquecéssemos os leitores da província, e, por isso, solicitámos de alguns cinemas um desconto para os portadores duma senha publicada na nossa revista.

Assim, registamos, hoje, a aquiescência gentil das empresas das seguintes salas, e mencionamos os descontos que concedem:

Cinema de Vila do Conde, 50 % de desconto;
Cinema da Sociedade Filarmónica Humanitária (Palmeira), 50 % de desconto;
Cine-Praia (Cruz Quebrada), «matinée» de domingo, 20 %;
Cine-Teatro (Cartaxo), 20 % de desconto;
Cinema de Mortágua, 30 % de desconto;
Cinema de Alcáçovas, 50 % de desconto;
Cinema do Grupo Caras Direitas (Buarcos — Figueira da Foz), 30 % de desconto.

Oportunamente iremos anunciando outras salas da província que vão conceder importantes descontos aos portadores da senha de Cinéfilo.

LEIAM ATENTAMENTE os cupões que publicamos nas páginas 29 e 30. SÃO ELUCIDATIVOS e demonstram, à evidência, o nosso esforço em prol das regalias a conceder aos nossos leitores

As estrélas hipnotizadas

(Conclusão da pag. 20)

O espanto das antagonistas não permite discussão, quando se viram tam amistosamente estreitadas. Recuaram de repente, como se tivessem tocado numa pilha eléctrica. Mas os aplausos de todos e os convites para que de novo conscientemente se abraçassem e sem o concurso de Martus, foram tam intensos; tam eloquentemente os mais respeitáveis amigos das estrélas fizeram ver a inutilidade daquele rancor, que Norma e Joan, finalmente convencidas, avançaram de novo uma para a outra e, desta vez, espontaneamente, uniram-se num novo amplexo que, se não teve a exagerada efusão do antecedente, assinou, declaradamente, a reconciliação das duas antagonistas.

Nos aplausos que coroaram o acto, teve grande parcela Martus, o verdadeiro autor daquele agradável tratado de paz.

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

Concurso do filme CINEFILO

Foram eliminados 47 rapazes e admitidas tôdas as raparigas, cujos retratos foram publicados

CONFORME dissémos, uma comissão composta de alguns redactores da nossa revista fez uma nova selecção dos candidatos a intérpretes do pequeno filme que vamos realizar, a-fim-de apurar quais os que deverão comparecer ante o júri, que se pronunciará em última instância, e que escolherá definitivamente o «casting» do filmezinho de Cinéfilo.

Damos, abaixo, a lista dos candidatos eliminados. Os que não forem mencionados, ficam, conseqüentemente, apurados, e deverão comparecer ante o júri em data que, no próximo número, fixaremos:

CANDIDATOS ELIMINADOS:

Fotos publicadas nos números de Cinéfilo a seguir mencionados:

- N.º 222 — O n.º 3, A. R.
N.º 225 — O n.º 3, A. de J. P., e o n.º 5, A. S.
N.º 226 — O n.º 8, A. P. C., e o n.º 9, J. M.
N.º 227 — O n.º 4, J. E. R. J.
N.º 228 — O n.º 2, L. F., e o n.º 4, L. de N.
N.º 229 — O n.º 2, A. M. D., e o n.º 3, A. P.
N.º 230 — O n.º 3, M. dos S., e o n.º 4, G. G.
N.º 231 — O n.º 2, C. C., e o n.º 5, I. I. de V.
N.º 232 — O n.º 1, J. R. A.; o n.º 3, E. T., e o n.º 5, M. A. L. de A.
N.º 233 — O n.º 5, J. A. dos S.
N.º 234 — O n.º 1, E. G. V.; o n.º 3, F. dos S. G.; o n.º 5, M. T., e o n.º 7, M. de A.
N.º 235 — O n.º 2, J. S.; o n.º 3, R. M., e o n.º 5, J. M. de A.
N.º 236 — O n.º 1, A. T. M.; o n.º 2, R. P. R.; o n.º 3, M. S., e o n.º 6, F. P.
N.º 237 — O n.º 5, J. G. B., e o n.º 6, J. C. N.
N.º 238 — O n.º 2, S. M.; o n.º 5, J. C. L., e o n.º 6, J. L. T.
N.º 239 — O n.º 2, M. F.; o n.º 5, H. R., e o n.º 7, J. A.
N.º 240 — O n.º 1, A. G.; o n.º 2, A. G. J.; o n.º 3, F. A. C., e o n.º 5, J. da C. O.
N.º 241 — O n.º 1, F. M.; o n.º 2, I. I. V., e o n.º 6, A. G. V.
N.º 242 — O n.º 1, J. G.; o n.º 2, A. F. S., e o n.º 5, E. B.

Todos os candidatos que não figuram nesta lista comparecerão ante o júri já indicado, e não devem deixar de ler o próximo número de «Cinéfilo», que indicará a data, hora e local onde o júri reunirá.

No próximo número, publicaremos ainda mais novas sobre este concurso.

As candidatas femininas, 33, foram tôdas apuradas e deverão, também, comparecer ante o júri, em local, dia e hora que o próximo número de Cinéfilo publicará.



(Conclusão da pag. 4)

Seis horas de vida é uma destas películas, cuja contextura do argumento so encontraria na imagem aquela tam necessária soma de interesse para se ver sem aborrecimento, quando tratado por essa técnica — pela técnica dos americanos.

A sua história é breve e gira em redor do seguinte: Um conjunto de circunstâncias políticas levam a cometer um assassinato na pessoa dum diplomata, enviado a uma conferência da paz. Um sábio, porém, devolve-lhe a vida — mas uma vida que só dura seis horas, tempo bastante para descobrir o criminoso e para fazer a felicidade duma mulher.

A acção esboça-se, cresce, intensifica-se até à última cena. William Dieterle é um grande realizador. A maneira inteligente como estão planificados os principais motivos da novela original, *Auf Wiedersehen*, anula todo o descritivo literário para nos dar uma obra justa, equilibrada e de alto sentido cinematográfico. Nem uma cena a mais, nem um efeito desnecessário, nem o mais pequeno deslize na linha que o filme mantém desde o principio ao fim.

E' certo que a realização está muito acima do argumento e pena foi, até, que não tivessem evitado as cenas do laboratório, onde se realiza a experiência. Só a engenhosa habilidade dos americanos fez com que tudo aquilo não caísse no ridículo. Merecem, no entanto, referência especial algumas passagens, como as da conferência, com todos os seus riquíssimos pormenores; as dos distúrbios, provocados pelo populacho; as da pequenina florista, que são duma tocante ternura; as da igreja, e tantas outras.

Warner Baxter, no principal papel, tem um trabalho estupendo. Tôdas as suas cenas são magníficas de expressão e de sinceridade. Miriam Jordan, que se estreou nesta película, sem ser demasiado bonita, é uma bellissima actriz. Muito correctos, John Boles e George Marlon.

Tivoli, 1 de Maio.

A. F.

O «cow-boy» e o rei

My pal the king. — Mais um filme de Tom Mix, mais um bom filme de cow-boys. História com certa originalidade, realização acertada, cenas de movimento prodigiosamente filmadas — tudo concorre para fazer desta produção um espectáculo sumamente agradável, mesmo para aqueles que não engraçam com as westerns.

Tom Mix, como actor, não desmente os seus créditos, e, como cavaleiro, continua a assombrar-nos com as suas proezas equestres.

A seu lado, o pequeno Mickey Roon, um novo menino-prodígio, espantoso pela naturalidade e á-vontade com que enfrenta a objectiva.

Olimpia, 1 de Maio.

F. F.

Caçá-los vivos

(Bring'em back alive). — Um novo documentário das selvas asiáticas, movimentado, curioso e não isento de peripecias, não podia deixar indiferente o público, a quem uma intensa publicidade preparou a expectativa de qualquer coisa de invulgar.

Frank Buck, arrostando com os naturais perigos que o seu empreendimento lhe ofereceu, mostrou-nos os expedientes, aparentemente simples, com que aprisiona as feras que faz transportar à Europa.

O filme exhibe-nos amiludadas lutas entre leopardos,

Predições Estrordinárias para VOCÊ

A sua vida revelada nos seus mais íntimos detalhes



Prof. R. Roxroy

ASTROLOGO EMINENTE

Adepto das Ciências Psíquicas que lhe enviará uma surpreendente leitura da sua vida, absolutamente GRATUITA

GRATUITAMENTE

receberá a sua Leitura Astral imediatamente, estabelecida pelo seu nome e direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sra. (casada ou solteira?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quiser pode incluir 1\$25 para cobrir as despesas de porte e de expediente. Experimentará de certo admiração com a notável exactidão destas predições relativas à sua vida. Não guarde para amanhã. Escreva já. Endereço: ROXROY STUDIOS. Dept. 6633 A Emmastraat 42, A Haya, Holanda. Sêlo para a Holanda: Esc. 1\$25.



Schiu....
Não digam tolices.
A melhor pasta é,
incontestavelmente, a
COURAÇA

tigres, giboias e outros tremendos antagonistas, a par de cenas de algum espírito, como seja a do aprisionamento do pequeno elefante.

Caçá-los vivos, que está habilidosamente sonorizado, é acompanhado por complementos que muito valorizam o programa.

S. Luiz-Cine, 2 de Maio.

J. N. G.

Alguns leitores têm-se lastimado de que o pedido de bilhetes para a última «matinée» de Cinéfilo não lhe foi satisfeito como desejavam, por intermédio desta secção. Informo os queixosos de que razões várias concorreram para a não satisfação dos seus desejos.

Primeiro: O facto de se ter que atender aos pedidos de outros leitores, principalmente os portadores de cupões, obriga a que, para os meus consulentes seja destinada uma porção de bilhetes, naturalmente limitada.

Segundo: Muitos destes a sombra da regalia especialmente destinada aos leitores desta secção, escrevem-me pela primeira vez, apenas para pedir os bilhetes, coisa que era de evidente prejuízo para os consulentes de verdade.

Terceiro: Outros, ou se esqueceram do selo, ou do sobrescrito, ou das duas coisas.

Quarta: Outros, ao contrário do que se havia estabelecido, mandaram-me os sobrescritos em branco o que colocava em inferioridade de vantagens aqueles que só me davam o trabalho de meter os bilhetes no envelope e fechá-lo, circunstância que, em vista da grande soma de correspondência que eu tinha que enviar, era muito para ter em conta. Alguns mesmo, supondo que o serviço de envio de bilhetes e o de troca de correspondência entre leitores era tudo o mesmo, limitavam-se a assinar-se com o pseudónimo e o resto... que o procurasse eu.

Estas razões e ainda outras que já aqui não cabem fizeram com que fossem muitos os requerentes e nem todos os atendidos, pouco mais ou menos como nos Evangelhos.

UMA PRINCESA DAS CALDAS. — Aplique para seu uso a resposta que atrás vai a Joanninha.

MARY JABY. — Recebi devolvida do Correio a correspondência que para V. enviara endereçada a direcção que me havia fornecido. Agradeço-lhe que me indique portanto qual a sua nova morada bem como me envie os selos necessários para de novo lhe remeter as cartas.

O POETA DA QUINTA DAS CONCHAS. — V. é tam patriota como eu, afinal. Não é fácil descobri-lo nessa fotografia. Eu não me achei a mim próprio, a quem conheço há 92 anos, quanto mais a V., que, nem há um segundo, sei quem é. Duvido também por isso que V. fôsse capaz de me encontrar nesse retrato. Percebo pouco de automóveis e por isso não sei que marca lhe aconselhe. Mas, como naturalmente V. contenta-se com um carrinho modesto e barato, limite-se a um Rolls Royce, Mercedes ou Hispano Sulca. — Até a próxima, venerável amigo.

ASP. A OP. — Mandei a sua carta a quem de direito. — Clara Bow vai começar novo filme. — Enderêco: Fox Studios, 1401, No Western Avenue, Hollywood, California. — Ainda não tem título marcado.

FRANK BANO (Pôrto). — O seu selo foi inútil visto, em caso nenhum responder particularmente. — E' natural que Mona Goya lhe mande retrato. — Enderêco: 18, rue de Richelieu, Paris.

correspondência

UMA NINON DE 17 ANOS. — Enviei o postal ao leitor que lhe interessa. — Não lhe posso explicar as razões por que esse leitor não recebeu a epistola. — A minha opinião a respeito dessa fita concorda com a crítica aqui publicada. — Filmes de Charles Boyer: *Barcarola do Amor*, *I. F. I. não Responde*, *Traição*, *O Pecado de Madelon Claudet*, etc. — Comunico que V. agradecerá a quem lhe oferecesse um retrato de Jean Murat.

FRITZ SEIZ (Vila Nova de Gaia). — Deseja obter os selos n.ºs 6, 9, 10, 17 e 19, de H. da Costa, dando em troca os n.ºs 15, 18, 20, 22 e 23 ou, por cada, um postal de Cinema.

MELANCOLICO APAIXONADO. — Em Portugal, não há outro estúdio em construção ou projecto que não seja o do Lumiar. — A protagonista de *Adeus, Juventude!*, foi Carmen Boni. — Enviei a sua carta.

PRETTY. — Eu sei uma cantiga em que entra o seu pseudónimo. E' assim: «O' Pretty, ó Pre-ty — Lá no sertão...» — V. endereça a carta ao «Exmo Administrador da secção de «Correspondência», de Cinéfilo. Deve ser para mim, mas, em boa verdade, não sei bem o que eu administro nestas columnas. — Lily Damita: First National Studios, Burbank, California.

VIVER E' CUMPRIR UMA PENA (Moura). — Pena de quê? De pedra, de aço ou de galinha? Falando, porém, a sério, respeito sinceramente o seu modo de considerar a existência. — Essa artista não confessa a própria idade. — Principais fonofilmes de Clive Brook: *Sherlock Holmes*, *O Segredo do Advogado*, *O Expresso de Xangai*, etc. — Sessue Hayakawa, ao que me lembre, só fez um filme sonoro: *A Filha do Dragão*.

EDUARDO O. P. BRITO (Abrantes). — A sua «impertinência» é puramente imaginária. — Título original de um filme de Maurice Tourner: *The Island of the Lost Ships*. — Filmes de Liane Haid: *O Vagabundo Imortal*, *A Última Valsa*, *Lady Hamilton*, *A Escrava Branca*, etc. — Transmítio as suas felicitações a J. Natividade Gaspar pelas novelas desse nosso camarada.

E. A. S. — E' mais fácil ensinar um pardal a recitar *A lágrima*, de Guerra Junqueiro do que escrever-me numa semana e ler a resposta em Cinéfilo, logo na semana seguinte. Aguarde pacientemente na «bicha», como os demais leitores, a vez de ser atendido. — Enderêco de Nancy Carroll: Paramount Studios, 1051, Marathon Street Hollywood, California.

GLICINIA. — Agradeço-te a tua carinhosa atenção para comigo. — Garanto-te, pela centésima vez, que laboras — nem sei porquê — num erro. — Manifesto o teu desejo de correspondência. — Transmítio as tuas felicitações a Natividade Gaspar, pelas *Novelas de Hollywood*, e a Fernando Frago, pelos *Encadeados*.

UM DE OLHOS AZUES (Pôrto). — Felicito, em teu nome, Natividade Gaspar pelas *Novelas de Hollywood*. — Agradeço-te o que mandas, mas não está bem na indole dos meus «artigos de fundo». — Não sei como melhor se conserva a voz. Eu tenho a minha sempre fresca devido a mantê-la em infusão de álcool. — Eu como muito

pouco. E então com o fastio com que nesse momento ando! Uma pescada, duas galinhas, um bife de meio quilo, e quatro postas de bacalhau com duas dúzias de batatas e o vinho correspondente a isto tudo, chega para o meu primeiro almoço. — Manifesto o teu desejo de correspondência com *Noburno de Chopin*.

IGNOTUS. — A única condição indispensável para a sua carta poder seguir é o envio do necessário selo de \$40 que é hábito colocar-se nas missivas enviadas ao cuidado dos Correios. — Apresentei os seus cumprimentos ao autor e desenhador das *Novelas de Hollywood*.

ASFERMAN (Figueira da Foz). — Agradeço-lhe a informação e o programa que me forneceu.

VENUS DE LISBOA. — Deseja trocar selos com *Paladino das Sostras*. Essas trocas devem ser feitas directamente em cartas remetidas ao meu cuidado. Os que me envia são portanto escusados pois eu não me posso encarregar de efectuar directamente tais transacções. — A protagonista de *Sedução* foi Ita Rina. — Esse papel foi desempenhado por Herta von Thiele.

DEUSA (Pôrto). — Tenho o maior prazer com as tuas cartinhas, boa amiga. — Comunico em teu nome a *Satirada de Portugal*, que não respondes-te a carta dele, por lhe desconheceres o endereço. — Tomei nota da tua direcção. — Manifesto o teu desejo de correspondência com *Cavaleiro de Ditino*.

MULTIFILO (Nazaré). — Artistas da Paramount: Richard Arlen, Clive Brook, Nancy Carroll, Claudette Colbert, Gary Cooper, Marlene Dietrich, Clark Gable, Lella Hyams, Jeanette MacDonald, Charles Ruggles, etc. Da Fox: Clara Bow, Joan Blondell, El Brendel, James Dunn, Stuart Erwin, Charles Farrell, Janet Gaynor, Greta Nissen, Will Rogers, etc. — Filmes de Fred Thomson: *Fred e os Mexicanos*, *A medalha dos Escoteiros*, *Jesse James*, *The Tough Guy*, etc. — Sobre o meu Carnaval, já respostas anteriores o elucidaram. — Nunca fui a Nazaré. E' um dos poucos pontos do país onde o Acaso me não fez ainda ir. Mas estou com sérias tensões de um dia visitar a bela e celebrada terra do miraculoso D. Fuas Roupinho. — Transmítio as suas felicitações a Fernando Frago pelo artigo *Portugal, primetia potência cinegráfrica mundial*.

SACERDOTIZA DE VESTA. — Folgo com a sua reaparição, desaparecida amiguinha. — Confesso que não percebo nem o plural nem essa história de novelas e de balões com que principia a sua sibilina epistola. — Participo a *Romântico Inflamável* que V. teria muito prazer em saber, por escrito, notícias dele. — Realizadores alemães: Joe May, Carl Frölich, Fritz Lang, Richard Eichberg, Josef von Sternberg, etc. — Realizadores americanos: King Vidor, John Francis Dillon, Clarence Brown, Victor Fleming, Cecil B. De Mille, etc. — Ingleses: Harry Lachman, Norman Walker, Victor Saville, Alfred Hitchcock, Charles Ridgwell, etc.

CAVALEIRO DO AMOR. — Manifesto o teu desejo de correspondência com *Fantomas* e *Al Capone*. — Filmes de Claudette Colbert: *O Si-*

nal da Cruz, *O Tenente Sedutor*, *A Mulher que Deus me Deu*, etc. — E' francesa. — Não revela a idade.

GIL SAXOFONE (Barreiro). — O rascunho em inglês serve perfeitamente para os artistas americanos. — Um selo para a América custa 1825, preço fixo. Mas eu, se quiser, vendo-os mais baratos, em segunda mão. — Ken Maynard: c/o The Standard Casting Directory, Hollywood, California. — Não tenho o actual endereço desse actor.

JOEL GOMES DE ABREU (Beja). — Comunico a *Vivinho* que os ratos se alimentaram largamente com os exemplares de Cinéfilo que o amigo pretendia vender. Isso só prova que os bichinhos sabem escolher os petiscos. — Carmen Boni: Uhlandsstrasse 138, Berlin W.

ESTUDANTE ENAMORADO. — Agradeço o rascunho, mas já aqui publiquei a minuta duma carta em francês destinada a pedir fotografias a artistas. O mesmo digo com referência a epistola em inglês e alemão. — Manifesto o seu desejo de correspondência com *Flor que Sorri*, *Uma Morena Apetecível* e *Nita La Rubia*. — Dita Parlo: Motzstrasse, 87, Berlin W.

UM ADMIRADOR DO SONORO (Faro). — Claire Rommers: Innsbruckerstrasse, 18, Berlin. — Madeleine Guitty, 19, rue de Bretagne, Asnières (Seine). — Moná Goya: 48, rue de Richelieu, Paris.

REI DOS BORLISTAS (Leiria). — Clara Bow: Fox Studios, 1401, No Western Avenue, Hollywood, California. — Lillian Harvey: mesmo endereço. — Kate de Nagy: Kranzallee, 8, Berlin Westend.

VENUS LOIRA. — Clive Brook: Paramount Publix Studios, Hollywood, California. — Ignoro quando se estreará essa fita. — De certo que entra no numero das minhas amiguinhas. — Retribuo-te o beijo e o abraço.

UM CAÇADOR DE CORAÇÕES. — Deseja corresponder-se com *Alma Triste e Sonhadora*, *Blonde Misterieuse* e *Julietta sem Romeu*. — Filmes de René Lebeuvre: *A sua Melhor Cliente*, *O Milhão*, etc. — E' francês — Nasceu em 1887.

CAVALEIRO DE DITINO. — Mandei as cartas a quem de direito. — Fico ciente de que recebeste todas as cartas que te enderecei.

PALADINO DAS SOGRAS. — Epistola remetida.

FUTURA ESPOSA DE DITINO. — Tudo isso demora um inevitável espaço de tempo que não está na minha mão reduzir. — A carta já foi enviada. — Lillian Harvey é de veras encantadora. Se te parece com ela, como a botânica nos ensina que duas coisas iguais, entre si, são iguais a uma terceira, tu deves, por tua vez, ser um amor. — Também gostei de *Sangue Vermelho*. — Esse leitor já te respondeu.

SONHADORA E ROMANTICA. — Oferece o *Zézinho* um livro logo que ele diga qual o que prefere. Igual pergunta faz a *Gloriosa Capicua* e *Serranito da Estrêla*. — Deve ser confusão sua. Estimo todos os leitores com igual afecto, a não se dar o excepcional caso que um ou outro pela inconveniência das suas perguntas me irritem, coisa que, é claro, rempor sombras com a minha boa amiga acontece. Mandei a sua carta ao devido destino e em seu nome partícipo a *Estudantinho Endiabrado*

que, visto esse senhor pretender correspondência directa, é-lhe impossível com ele cartear.

NEQUINHA DO CINEMA (Barcelos). — Fonofilmes de Richard Taubman: *Ricardito Lobo do Mar*, *Ricardito e os Mexicanos*, etc. — Leia a biografia que Cinéfilo já publicou. O proximo filme de Marlene Dietrich a estreiar entre nós é *Venus Loira*.

ROBINSON CRUSOE. — Principais fonofilmes de Joan Crawford: *Chuva, Idade Moderna*, *Fascinação*, etc. — Marlene Dietrich tem 30 anos.

HITLER, O APOSTOLO DA PAZ. — (Os judeus que o digam!) — Corina Freire: Teatro Avenida, Lisboa. — Mary Glory: 37, rue Pergolesi, Paris, (XVI). — Não está ainda estabelecida a data da estreia, entre nós, do novo filme de Maurice Chevalier.

CINEMARIO (Bareiro). — Nada me tem que agradecer as justas palavras que lhe dirigí. Lamento muito a doença que tam atrozmente o prejudicou. — Infelizmente, fechei o consultório da rua dos Arameiros só ficando com a loja. No primeiro andar é agora uma casa de penhorés, cujo principal freguês sou. Ainda há pouco de lá vim. Pul lá pôr o chapéu visto a moda agora autorizar que se ande desbarretado, o que, portanto, tornou essa cobertura capital absolutamente inútil. Acha-me um filósofo perfeito, pelo facto de ser poliglota, médico e «saber tudo quanto se passa sobre Cinema?» E' muito amável, caro amigo. «Caro» é improprio. Um amigo, tam precioso como V., não é caro: é barato. — Manifesto o seu desejo de correspondência com leitoras algarvias. — Um filme de Joe E Brown (um dos astros da embirração — em meu parecer): *A Luz da Ribalta*.

LINELA VALSKA. — E' favor informar-me acerca do local onde deseja receber a sua correspondência.

ROMEU SEM JULIETA (Luanda). — Aproveito a oportunidade para o informar que havendo já um leitor com pseudónimo exactamente igual ao seu, terá toda a conveniência em escolher outro, visto que da confusão poderá resultar prejuízo para qualquer dos senhores.

JOSINHA (Amadora). — E' conveniente que me mande um selo de \$40 e o seu endereço para lhe remeter uma carta a V. destinada.

DEUSA DOS RAPAZES BONITOS. — Agradeço-lhe que me indique qual a sua direcção.

CAVALEIRO DO AMOR. — Eu não só tenho joanetes nos meus pesinhos, como também antolietes, pauletes, anibaletes, e francisqueles. — Filmes de Marion Nixon: *The Saddle Hawk*, *The Hurricane Kid*, *The Chinese Parrot*, *Rolling Hume*, *Devil's Island*, *Taxi*, etc. — Nasceu a 21 de Outubro de 1904, em Superior, Wisconsin, U. S. A.

UM CAÇADOR DE CORAÇÕES. — O mistério é de muito mais fácil solução do que o senhor supõe. Leia as respostas precedentes em que o assunto é larga e frequentemente explicado. — Um filme de Frances Dee: *Audácia que Assombra*. — Por ora, não possuo os esclarecimentos que lhe interessam.

IDOLO DAS APAIXONADAS DE HENRY GARAT. — Oferece fotografias às admiradoras de Henry Garat e que lhe dissessem o que mais admiram no seu idolo. — J. Natividade Gaspar agradece e retribui-te o abraço e garante-te que, sempre fervoroso admirador de Charlie Chaplin, não

Brindes aos nossos leitores

Por gentil deferência das emprêsas, os portadores das senhas a seguir publicadas, beneficiam dos seguintes descontos:

CENTRAL 50 % desconto na «matinée» 10 Maio
EUROPA 25 % desconto na «soirée» de 11 Maio
PALATINO (St. Amaro) 20 % desconto (1.ª pl. e bal.) «Soirée» de 9 ou 12 Maio
CONDES 25 % desconto na «matinée» 9 Maio
OLIMPIA (Porto) 50 % desconto na «matinée» 6 ou 11 Maio
CINE-GINASIO 50 % desconto na «matinée» de 11 de Maio
PARIS 30 % desconto na «soirée» de 12 Maio
LYS 30 % desconto (só platela) na «matinée» 7 Maio
SOC. PROMOTORA (Calvário) 20 % desconto na «matinée» 7 Maio
PALÁCIO 50 % desconto (2 entradas) na «matinée» 11 Maio
MAX CINE (Balcão 1\$00, Camarotes 4\$00) na «soirée» de 6 Maio
EDEN-CINEMA 25 % desconto na «soirée» de 6 Maio
ODÉON 25 % desconto na «matinée» 11 Maio
IMPERIAL 20 % desconto (Pl. e bal.) na «soirée» de 10 Maio
SOC. PROMOTORA (Calvário) 20 % desconto na «soirée» de 6 Maio
S. JOÃO (Porto) 50 % desconto (2 entradas) na «matinée» 13 Maio
OLIMPIA 50 % desconto (2 entradas) na «matinée» 12 Maio
CENTRAL 50 % desconto na «matinée» de 12 de Maio
ROYAL 50 % desconto (2 entradas) na «matinée» 7 Maio
CHIADO TERRASSE 30 % desconto (2 entradas) na «matinée» 10 ou 13 Maio
PARIS 50 % desconto na «matinée» de 11 de Maio

Brindes aos nossos leitores

Por gentil deferência das empresas, os portadores das senhas a seguir publicadas, beneficiam dos seguintes descontos:

TEATRO AVENIDA (Coimbra)
30 % desconto
Todas as «matinéas»

TEATRO AVENIDA (Viseu)
20 % desconto (Plateia)
na «solrée» de 9 ou 12 Maio

CINE TEATRO (Cartaxo)
20 % desconto
em todos os espectáculos

(VILA DO CONDE)
50 % desconto
nas «matinéas» dos domingos

(MORTÁGUA)
30 % desconto
em todos os espectáculos

SOC. U. ALCAÇOVENSE
(Alcavovas)
50 % desc. em todos os espectáculos

«O GRUPO CARAS DIREITAS»
(Buarcos)
30 % desconto (só Plateia)

CINE - PRAIA (Cruz-Quebrada)
20 % desconto
nos espectáculos de Domingo

SOC. FILARM. HUMANITÁRIA
(Palmela)
50 % desc. em todos os espectáculos

CINÉFILO sai todos os sábados

LEIAM

Modas & Bordados

Preço: UM ESCUDO

GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS

RUA DE S. BENTO

TELEFONE 20709

Sucursal: Avenida Almirante Reis, 64 a 64 E

Tapetes, Passadeiras, Capachos, Mobílias Alentejanas, Mobílias de Verga, Mobília de «Rotin»

«Carpets» de Junco, «Carpets» de Cordel, «Carpets» Chinesas, Cestos para todas as aplicações

deixará de, sempre que a ocasião se proporcione, recordar o genial artista, infelizmente agora tão silencioso sobre os seus projectos artísticos.

— ADEUS, MOUTINHO. — Deseja corresponder-se com Henrique Moutinho.

GANDHI. — Recebi a carta, de que falas, mas o pseudónimo não era bem esse. — Miriam Hopkins: Paramount Publix Studios, Hollywood, Califórnia. — Clara Bow: Fox Studios, 1401, No Western Avenue, Hollywood, Califórnia. — Mandam retrato.

SONHADORA E ROMANTICA. — Agradeço-lhe o lindo postal e retribuo-lhe os amáveis votos. — Igualmente me confesso muito grato pela sua generosa dádiva para os pobres-zinhos.

A. DE CAMPOS (Coimbra). — Era Jeanne Boitel a protagonista da *Mulher de Meu Noivo* e de *Escoarregar não é Cair*. — Enderéco: 9 bis, rue Pérignon, Paris.

ALBERTO BARRADAS (Luanda). — Enviei a sua carta a *Bêbé Ajuizado*. — Infelizmente ainda me não foi fornecida a nova morada dessa artista, que há pouco mudou de residência. — Observo que Beatriz Costa, Olga Tschackowa e Annabella lhe enviaram fotografias. — Gerda Maurus: c/o Ufa, Kockstrasse, 16, 18, Berlin.

JANET GAYNOR (Moura). — Nada me tem que agradecer. — A distribuição desse filme era composta toda de artistas de origem Indiana, dos quais não voltámos a ter notícia. — Miriam Hopkins, no *Médico e o Monstro*, não era a noiva do Dr. Je-kill. — Não sei quais são as intenções dessa leitora.

JOEL GOMES DE ABREU (Beja). — Agradeço-lhe o nova série de programas que teve a amabilidade de me remeter.

J'AI ME LA MARGUERITE. — Deseja corresponder-se, com leitoras, sobre Cinema, aviação e literatura. — Filmes de Fernand Gravey: *Tu serás Duquesa!* *Eu de Dia e tu de Noite*, *Fatos e Factos*, *Cubeteleiro de Senhores*, etc. — E' francês. — Nasceu em 1904.

IDOLO DAS APAIXONADAS DE HENRY GARAT. — Oferece exemplares de *Cinéfilo* a *Anny Olay* e *Maria Fernanda*. Igual oferta dirige a *Carolina Chagas*.

OSIRIS (Faro). — Está muito adiantado na língua Inglesa quanto vedes para amim dizer ao Zé Raul Viana que tu esperares carta dele. — Mas como dizer que isso é *pretoquês*, não te contrário. Victor Hugo, apesar do grande homem que foi, nem assim era capaz de escrever a nossa língua.

SONHADOR APAIXONADO (Pôrto). — O cavalheiro não me ofenda

como tais suposições de misoginia. Mude de sexo, e provar-lhe-ei como se engana. Desta vez, está perdoado. — Liane Haid trabalha há muito no Cinema. — Charles Boyer é um dos artistas europeus que mais admiro. (Não pensando, é claro, em Charlie Chaplin). — As criações de Jean Murat são geralmente de idêntico valor.

ENXOTA FRANGUINHOS. — A incerteza entre um «o» e um «a» deixou-me dúvidas a respeito do sexo a que pertencem os franguinhos que o sr. enxota. — Dou-lhe inteira razão á forma como aprecia a condenável, para não dizer ridícula, orientação dessa revista. O que vale é que quasi todos os cinéfilos sabem apreciar a com o devido critério e desmascarar o jogo, aliás pouco oculto, dos cavalheiros que nela pontificam. — Filmes de Raul Walsh: *O Preço da Glória*, *O Mundo das Avessas*, *Sadie Thompson*, *Amores Bravios*, *O Passaporte Maldito*, etc. — Essa galante estrela ainda não teve uma criação de monta.

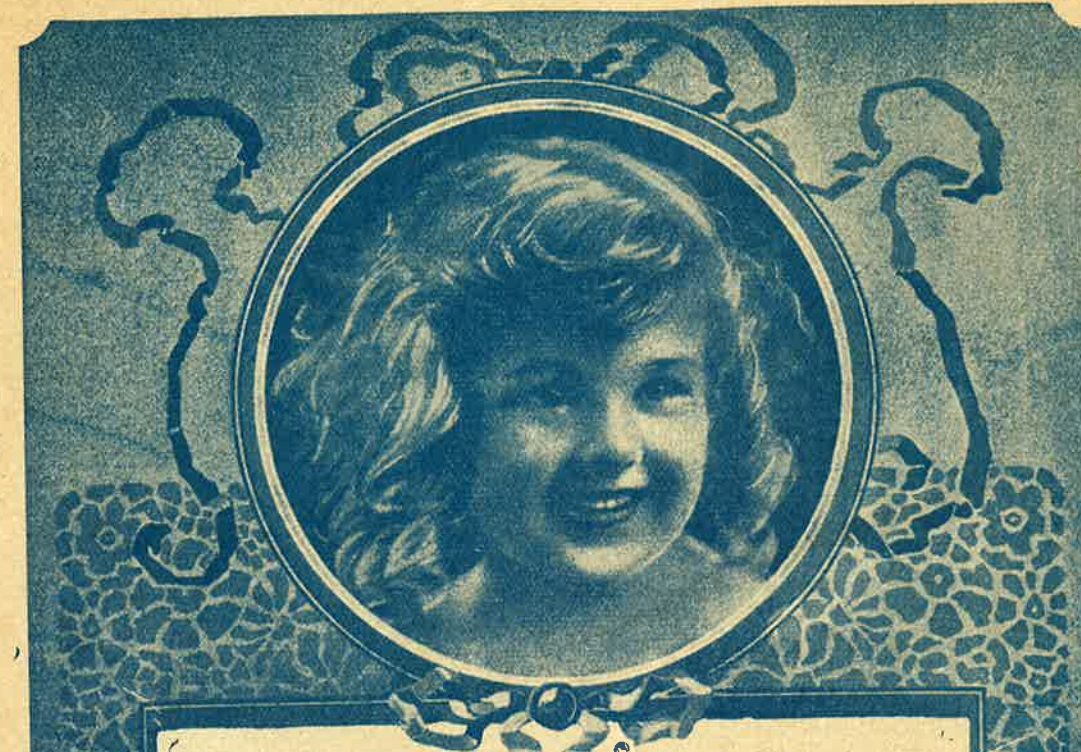
ROBINSON CRUSOE. — Lillian Harvey: Fox Studios, 1401, No Western Avenue, Hollywood, Califórnia. — A galante estrela tem 31 anos. — Madge West é americana.

CAVALEIRO DA ILUSÃO. — A verdade é que isto de idades de artista é coisa bastante duvidosa e sobre cuja autenticidade me não atrevo nem a apostar a ponta de um calo. Por isso encontra essas disparidades que observa e cujo remédio é sobre-maneira difícil. — Penso que a pretensão desse rapaz não passa de uma mania tam inocente como a de coleccionar calxas de fósforos ou asas de moscas.

UM CAÇADOR DE CORAÇÕES. — Acho que, se não percebe «patavina» da secção de *Correspondência*, só tem um remédio tam aconselhável para o sr. como para mim. Mas que culpa tenho eu de que os seus negócios epistolares não corram como V. Ex.ª desejarla? — Filmes de John Miljan: *O Cavaleiro do Amor*, *Amor Microfónico*, *The Little Snob*, *Titans do Céu*, etc. — Nasceu em South Dakota, em 1890.

ANTINEA. — Tens andado então muito ocupada? — Ainda não tive ocasião de ver o teu retrato. Depois, te darei a minha opinião. — Tomei nota da herança que recebeste de tua irmã. — Enviei as cartas, consoante (ou vogal) o teu desejo. — Participo que ofereces quatro selos n. 12, de H. da Costa, pelos primeiros exemplares de *Cinéfilo*. — Havemos de combinar esse banho em comum. — Nunca mais soube nada a respeito da viuvez de Greta Garbo. — Também não sei se é verdade ir Joan Crawford divorciar-se. — Se é igualmente verdade tu sabes quem eu sou? Isso é que tenho a certeza ser mentira. — Retribuo-te, com todo o prazer, os teus beijos e abraços.

MULTIPLUS



O SORRISO ALEGRE DA CRIANÇA

A vida é cheia de sol e felicidade para esta criança.

Ela é feliz, tem saúde, porque recebe a alimentação conveniente no período do crescimento. É a OVOMALTINE que toma todos os dias ao pequeno almoço, que lhe proporciona o bem estar, que a alimenta e fortifica.

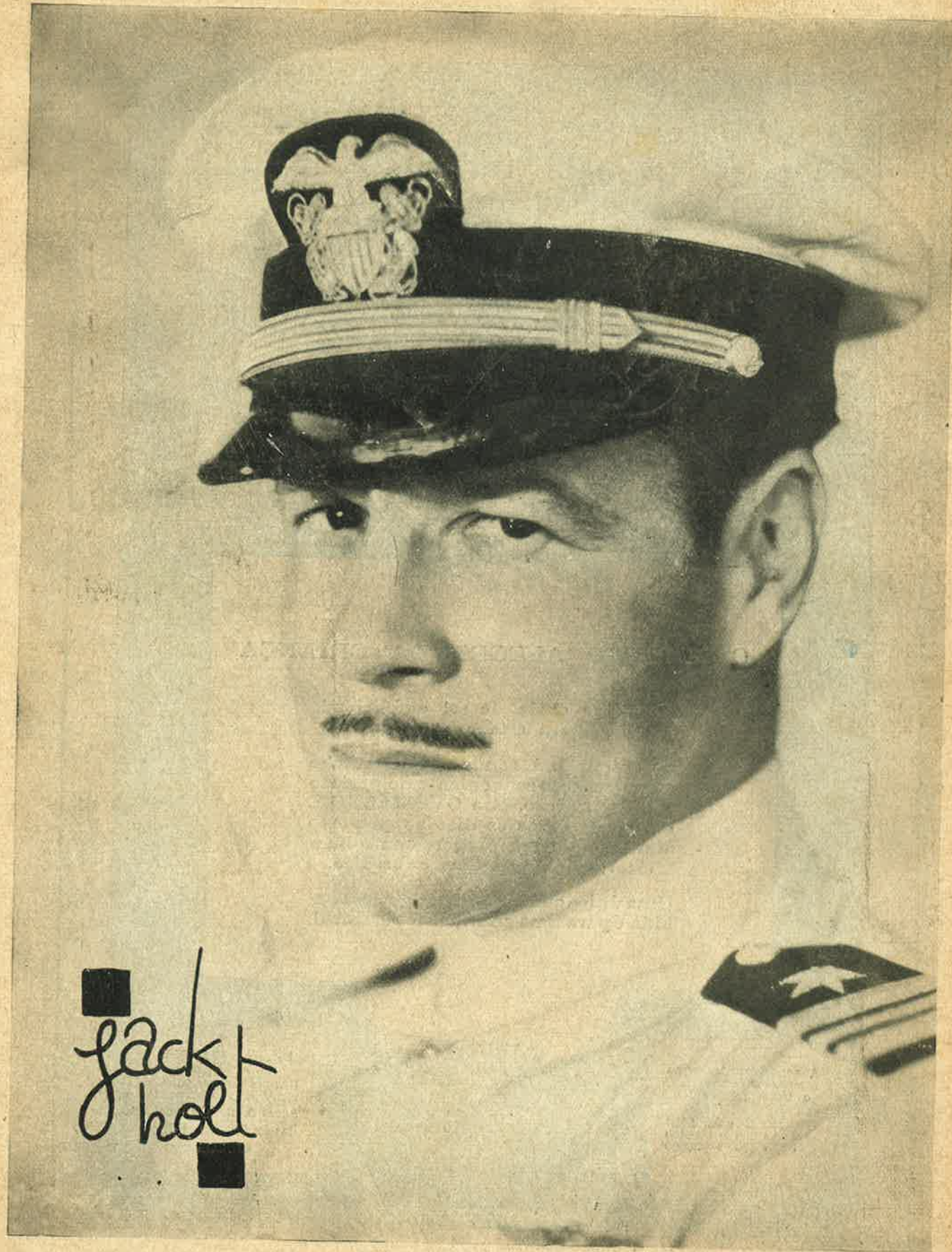
Uma única chávena desta deliciosa bebida é para uma criança o tónico ideal.

A venda em todas as farmácias, droguarias, e boas mercearias

Latas de 110 grs. 8\$50
» 250 » 16\$00
» 500 » 30\$00



DR. A. WANDER
S. A. BERNE
Unicos concessionários para Portugal
Alves & C.ª (Irmãos)
Rua dos Correios, 41-2.º
LISBOA



Jack
Holt